

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



40
20/2/45



Mel's

PEDRO AMERICO

DISCURSOS



Ja-em 1882

FLORENÇA

IMPRENSA DE L'ARTE DELLA STAMPA

1888

ALGUNS DISCURSOS

do

Dr. PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO



ALGUNS
DISCURSOS

DO

Dr. PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO *e melo*

Grande Dignitario da Or-
dem da Rosa; Grande Official,
Commendador e Cavalleiro de outras
Ordens; Lente d'Historia, Esthetica e Ar-
cheologia da Academia Imperial das Bellas Artes
do Rio de Janeiro e Lente adjunto á Faculdade das Scien-
cias da Universidade de Bruxellas; Membro das Academias
de Lisboa, Florença, Urbino e outras; auctor dos quadros
historicos da Proclamação da Independencia do Brasil,
das batalhas do Campo Grande, do Avahy, etc.;
dos romances Holocausto e Amor d'Esposo,
do Ensaio sobre o Methodo no ensino das
Sciencias Naturaes, e de outras
obras e opusculos scientifi-
cos, artisticos e lit-
terarios.

FLORENÇA

IMPRESA DE L'ARTE DELLA STAMPA

—
1888



DISCURSO

PROFERIDO NA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS ARTES

EM PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

no dia 22 de Março de 1870

por occasião da abertura do

CURSO D'ESTHETICA, HISTORIA DAS ARTES E ARCHEOLOGIA

PELA PRIMEIRA VEZ PROFESSADO NO BRASIL



IMPERIAL SENHOR!

Senhores! — Sempre que o templo das musas abre suas portas ao publico, é para annunciar-lhe novas conquistas da intelligencia; sempre que o publico afflue para os espectaculos das artes, leva-o a convicção de encontrar nelles novos deleites para a alma, afadigada das luctas, muitas vezes infructiferas, da vida positiva. É que as sociedades reconhecem nos cultores do bello os verdadeiros prophetas da civilisação, os sacerdotes da concordia, que só galgam a pyra do sacrificio, para queimar o incenso da immortalidade, e enlaçar á frente dos seculos os louros das victorias ganhas nas batalhas do progresso.

Eu vos agradeço, pois, Senhores, a honra que me outorgais, dignando-vos de ouvir a um orador obscuro, cuja inculta palavra mal vos poderá assegurar que esta modesta solemnidade é bem digna de vós; porque celebrada entre a guerra que desaparece e a paz que surge, é a filha legitima da gloria nacional incorporada nos vossos recentes trophéos.

A abertura de um curso de historia das artes, archeologia e esthetica nesta academia, não é sómente uma promessa risonha para os homens que vivem de contemplações; é um protesto solemne das intelligencias cultas e generosas, contra essas doutrinas acanhadas e mercenarias, que tão facilmente captivam os animos embotados e retrogradados; é uma prova de que, longe de esgotar as fontes das nossas riquezas, a lucta de que sahimos coroados com a aureola da gloria, não fez mais do que desencadear as torrentes da nossa actividade intellectual, o mais inexhaurivel de quantos thesouros possui a humanidade.

Esta nova criação, Senhores, de que já existem honrosos commentarios nos periodicos europeus, devemol-a em primeiro logar a Sua Magestade o Imperador, cujo vastissimo espirito ha muito a reconhecêra necessaria; em segundo logar a dous grandes caracteres, dous cidadãos illustres, que durante alguns annos illuminaram esta instituição com um raio de illimitada esperança: o estadista Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje barão do Bom Retiro, e o poeta e pintor Manoel de Araujo Porto-Alegre.

A este ultimo cumpre-me, como seu discipulo e como professor de esthetica, render publica homenagem; porque foi elle o primeiro que fallou entre nós a linguagem do bello, procurando sempre espalhar com sua palavra auctorizada e eloquente as immutaveis verdades sobre as quaes se devem

firmar as convicções do artista e do poeta. Receba, pois, este mesquinho tributo de gratidão aquelle que, no intuito de servir a seu paiz, soube formar uma academia verdadeiramente nacional com os fragmentos mal acepilhados de uma instituição bastarda, e que, crendo abaladas as bases desse primeiro monumento elevado ás artes patrias, edificou um outro em honra das lettras; porém, tão vasto, tão colossal que, assentado na soberba Italia, domina o nosso horisonte intellectual, projectando sobre o Brasil inteiro a maior parte dos raios de sua gloria.

Sei que me falta a illustração necessaria ao pleno desempenho do meu novo magisterio; e de certo teria desistido de ensinar a sciencia do bello se o desejo de servir não gerasse em meu animo, assim o esquecimento de minha insufficiencia, como a convicção de que não deverei jamais retrahir-me á acção do progresso, deixando de concorrer com o meu pequeno contingente de actividade intellectual e moral para o bem da minha patria.

E porque, Senhores, nada farei acertado fóra dos preciosos juizos da opinião publica, vou desenhar succintamente os traços caracteristicos do meu curso, sem procurar convencer de sua utilidade a um auditorio tão illustrado, que de certo considera a historia, a esthetica e a archeologia como tres laços que devem prender uns aos outros os diversos elementos da instrucção do artista.

Essencialmente complexo, variado, e constando

de objectos por vezes tão transcendentos, que põem em jogo todas as faculdades da alma, não poderá este curso entrar no molde dos que se professam nas outras escolas do Imperio, muitos dos quaes, apesar de primorosamente lineados, já soffrêram as correcções com que a experiencia aperfeiçôa todos os projectos humanos.

Obrigado a adequar a intelligencias jovens, e pela maior parte pouco afeitas á investigação scientifica, materias tão vastas, que nas academias de França e d'Allemanha fazem o objecto de muitas cadeiras especiaes, terei de encontrar, necessariamente, grandes difficuldades quanto á systematização do ensino. Dividirei entretanto o meu curso em tres grandes partes, as quaes exporei opportunamente, constando a primeira de historia das artes, em relação com os diversos factos da historia geral, e as evoluções capitaes da philosophia e das crenças.

É o ponto de partida, a base ou chave do systema de instrucção que mais convém ao artista, na época nacional presente, em que o facto das bellas artes, bem como o da religião ou da philosophia, não póde ser desligado, sem violencia, dos phenomenos sociaes.

Para desenvolver e explicar esta idéa, que tenho constantemente sustentado, evocarei as civilizações, as theogonias e os systemas que na antiguidade reinaram conjunctamente com as artes do desenho, cujos archivos bastariam para reedificar a historia

da humanidade, na falta dos monumentos escriptos. Os maravilhosos phenomenos das épocas contemporaneas de Phidias, Protogenes, Miguel-Angele e Raphael, desses grandes espiritos, que nos apparecem por entre o brilhar diffuso das constellações humanas como estrellas de desmesurada grandeza, mostrar-se-hão sob o seu verdadeiro aspecto, como resultados naturaes, e por assim dizer espontaneos, de uma multidão de circumstancias, em grande parte materiaes, em grande parte dependentes da liberdade do homem; em uma palavra, a conclusão evidente de premissas claramente estabelecidas por um concurso combinado de acontecimentos e factos, de instituições e doutrinas, que não podiam gerar outros fructos, qualquer que fosse o paiz ou a época em que se tivessem encontrado.

Esqueçamos de uma vez essas opiniões superficiaes, que pretendem explicar a historia pelos caprichos de uma potencia occulta, cujos mysteriosos decretos, se porventura existissem, tornariam impossivel a philosophia dos factos sociaes; e lembremo-nos sempre da inacção a que condemnam o homem todas essas doutrinas que nos levam a esperar da vontade divina os beneficios de um cabedal, que só se ajunta com trabalho, e que só se conserva com os labores da nossa actividade.

Illuminando o meu caminho com o archote dos mestres abalizados, entrarei n'uma rapida viagem pelos dominios da historia philosophica. Aqui o campo é vasto. A consciencia collectiva da especie,

attestando a cada individuo a existencia de um Ser omnipotente e creador, a quem deve o Unív^{er}s^o sua origem e suas perpetuas transformações; o sentimento religioso diversificado segundo o climã e a indole dos povos, e assignando variadissimas fórmas á idéa primogenita da universal theogonia; a politica lançando mão dessas diversas alavancas moraes do mundo, e assestando-as a um interesse determinado, muitas vezes em discordancia com o espirito da época, muitas mais, porém, acordes com as aspirações legitimas da humanidade; a superstição vindo toldar a nitidez das crenças e desfigurar o Evangelho das eternas esperanças; a philosophia apparecendo por momentos, com seu facho electrico, alluindo a Babel intellectual, que elevaram as tradições e os tempos para salvarem o homem dos diluvios da consciencia, e reapparecendo emfim coroada de luz e de sciencia para reedificar sobre solidissimas bases o grandioso monumento da verdade; a astronomia computando os mundos que povoam os espaços sideraes, aniquilando os empyreus, e alargando prodigiosamente as concepções cosmologicas dos philosophos; todas essas grandes manifestações da intelligencia e da vontade, hão de concorrer, na justa proporção de suas respectivas affinidades, com a poesia e as artes plasticas, para servirem de lição ao artista creador, e guial-o em seus sublimes arroubos atravéz dos vastissimos olympos da imaginação, por onde elle vagueia desligado da terra, em busca do maximo thesouro

da arte: a determinação sensível do que chamamos *bello ideal*.

Deixando os tempos antigos, cujos successos farei melhor comprehender, empregando na sua exposição um systema especial de synchronismo, tratarei de expôr os acontecimentos modernos que tiverem relação com as bellas artes, demonstrando, pela analyse delles, o quanto importa ao progresso da arte o não fugir o artista do seu seculo, deixando de trabalhar, com o estadista e o soldado, para o engrandecimento da propria patria.

Esforçar-me-hei por mostrar que a civilização não é, como o pensava Bossuet, obra de uma força sobrenatural, a cujo impulso cede machinalmente a humanidade; mas a conclusão natural e necessaria dos actos effectuados livremente pelos homens superiores e pelas gerações moralizadas; e que, do mesmo modo que, a cada grande feito da virtude corresponde um estado particular de satisfação para a consciencia, a cada injustiça porventura praticada para com um homem, ou uma classe, corresponde na historia uma serie mais ou menos longa de consequencias funestas para o progresso.

A historia das artes, de continuo enlaçada á historia geral, á esthetica e á moral fará, pois, o objecto da primeira parte do meu curso.

Na segunda, partindo do estudo da logica elementar e da psychologia, e illustrando as proposições que o exigirem com demonstrações graphicas, e com desenvolvimentos ácerca da anatomia des-

criptiva e da physiologia, tratarei de expôr successivamente as diversas partes da esthetica racional, desde a mais simples e intuitiva, até a mais complexa e transcendente, d'onde partirei a considerar os principaes systemas relativos á sciencia do bello, que se tem succedido, desde o poeta Hesiodo até os nossos dias.

É a parte mais laboriosa, por ser a mais difficullosa do curso, e porque, demasiado abstracta e subtil, exige longas digressões nos dominios das sciencias que tem por objecto a materia, para ser comprehendida pela intelligencia essencialmente applicadora do artista.

Depois de mostrar que, a cada concepção fundamental da sociedade e do *Cosmos* corresponde na historia das artes uma concepção esthetica determinada, um ideal diverso dos que o antecederam e dos que o seguiram, passarei a analysar as applicações que em todos os tempos foi recebendo das necessidades e do gosto o ideal de cada arte, e particularmente o da pintura, da architectura e da esculptura, e tambem o da musica, cuja formosa e profunda theoria, formulada pelos mestres francezes e allemães, se vai cada dia confirmando mais com os repetidos descobrimentos das sciencias exactas, principalmente das mathematicas e da acustica.

Se para tanto houver logar, exporei brevemente os systemas de Linneu e de Tournefort, assim como os methodos de Jussieu, Brown, e De Candolle, a

fim de que possa o paisagista imprimir nas suas obras o cunho da observação, dando aos vegetaes os seus caracteres proprios, aos terrenos a sua vegetação adequada, e a cada região do globo a flora que resultar das circumstancias locais. Assim instruido, não vestirá de flores das nossas campinas as paysagens da Polynesia, nem incorrerá na singular inadvertencia de certo romancista que, descrevendo as sumidades do Caucaso, povoou-as de plantas caracteristicas dos desertos da Lybia.

O corpo humano, esse admiravel organismo, onde exhibio o Creador todos os thesouros das visiveis harmonias, esse espelho cujas deliciosas miragens volvem os olhos do artista douto para o mundo das existencias puramente ideaes, fará o assumpto de um capitulo especial, no qual se hão de encontrar todas as sciencias ao meu alcance.

Definidos e explicados os diversos typos da arte, commentados os diversos systemas, analysadas, e devidamente apreciadas as principaes escholas, historiadas as mais profundas theorias, e o genio dos seus immortaes fundadores, transportar-me-hei pela imaginação aos remotos paizes que viram balbuciar a arte, quando ainda embalada nas auras da lithurgia, e delles virei gradualmente até áquelles que assistiram aos seus maiores triumphos.

Na minha longa viagem do Oriente para o Occidente, passarei em revista os grandes monumentos da architectura e da esculptura não destruidos pela rasoura dos seculos, e muitos daquelles de que

só temos noticia pelos antigos poetas e historiadores.

A architectura, a arte por excellencia symbolica, a immortal edificadora dos sagrados jazigos, merecerá, como a arte de Phidias, um estudo especial e completo. A cabana primitiva, como o hyeroglypho e as antigas inscrições de Paros; a estatua de Jupiter Olympico, como o Parthenon; todos os admiraveis productos da inspiração artistica, revelada na formosura sobrehumana das estatuas gregas, na vida e movimento das florentinas, na amplitão das cupolas do Pantheon e S. Pedro, no elegante rendilhado dos altos corucheos de Bruges e Strasburgo, na grandeza monumental dos amphitheatros de Arles e de Roma, na simplicidade heroica das antigas naumachias do Tibre, na sumptuosidade dos theatros da Allemanha e da Italia, e finalmente na immensidade dos palacios reaes de Ninive e Khorsabad, hão de servir de confirmação ás complexissimas theses que sustentarei nas duas primeiras partes.

Na prosecução dessa epopéa, cujas primeiras estancias pedil-as-hei á geologia, todas as idades do mundo historico hão de passar successivamente ante os meus olhos: a idade do silex, com a lança e a choça; a do bronze, com os dolmens e as grandes muralhas; a do pórphydo, com os colossos e as necropolis; a do marmore, com as estatuas e os templos do paganismo; a do calcareo e da greda, com as cryptas e as cathedraes; a do granito e do

ferro, emfim, com os palacios de crystal, os tunneis e as grandes fabricas, d'onde sahem todos os dias a alavanca e o cylindro, que movidos pelas forças prodigiosas que engendram os ventos e as tempestades, encurtam os mares, cortam os continentes, e supprimem as grandes distancias, inimigas irreconciliaveis da universal alliança dos povos.

A India primitiva, cuja immutavel civilisação tanto se nos revela no grande livro dos Védas, no Mahabharata e no Ramayana, quanto nos interminaveis poemas esculpturaes das grutas sagradas de Cachemyra; a Persia, cuja antiga preponderancia ainda attestam as vastissimas muralhas das suas cidades, e as ruinas das suas fortalezas; os dous grandes imperios da soberba Ninive, cujos esboroados palacios são como as ruinas de dous mundos; a Assyria inteira, onde se encontraram na antiguidade os tres genios bem distinctos da Asia, Africa e Europa; o Egypto, em cujas arêas vão cavar os antiquarios a verdade ácerca das antigas sciencias, escripta em tres linguagens diversas na face de indestructiveis monumentos; a Grecia, sempre esplendente de gloria e de belleza, o berço da philosophia racional e da verdadeira liberdade; a Etruria, duas vezes joven, e sempre heroica; a Roma republicana, rica de construcções de utilidade geral; a Roma imperial, cheia de magestade por toda a parte onde gravou seu nome; a Italia moderna, a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, o Mexico e a America

do Norte; todos os paizes, emfim, ònde atiraram as musas os seus sagrados talismans, hão de entrar successivamente no quadro que pretendo bosquejar, para servir de norma a meus discipulos, e illustrar aquelles em cujos peitos chammejar o fogo da verdade, ou arder a fragoa onde ferve a inspiração.

Eis, Senhores, alguns traços geraes do vasto plano que pretendo desenvolver perante os meus novos alumnos, è para cuja execução é-me permitido contar com a benevolencia publica, e com as luzes dos meus illustrados collegas.

A theoria geral das bellas artes está encerrada n'uma como immensa fabrica intellectual, em que cada pedra está ligada ás outras pelas razões complexas de elegancia e solidez, e cujas massas principaes não podem ser removidas, sem risco de se transformar o monumento n'uma verdadeira Babel. O mesmo espirito, pois, que presidir á exposição de qualquer das sciencias que tenho que ensinar, deverá presidir a todas, para não ser deista hoje, athêu amanhã, sceptico, crente e positivista a um tempo, a exemplo de muitos que vivem no meio das estatuas e dos livros, como os publicanos no templo de Jerusalem, ou como o Fausto de Goethe no meio das maravilhas da sciencia humana.

Bem sei que a voz da arte é ainda um debil vago, para só per si sobrelevar ao tumulto dos grandes successos nacionaes da actualidade; mas como as victorias das nossas armas nos dão a cer-

teza de que estamos prestes a entrar n'uma era de prosperidade, era em que o genio nacional, estendendo suas azas seraphicas por sobre o immenso imperio, desprezará as questões de myope interesse, e lançar-se-ha arrebatado a conquistar o grande futuro, é necessario desde já desenvolver as aptidões felizes, fortificar o talento, e guiar a imaginação do artista, cujas producções hão de ser o symbolo dos nossos tempos, quando os seculos vindouros interrogarem anhelantes os codices do passado, e lançarem á chamma do esquecimento os nomes e os titulos, então obscuros, de centenaes de jograes e maninelos, disfarçados em operarios da civilisação.

Para educar nas crenças vivas do evangelho da justiça esse povo intelligente e livre, cuja avidez de sciencia torna faceis todos os triumphos do progresso, ahi estão as doutrinas sociaes, com o patriotismo e a illustração do estadista; para perpetuar os nomes dos que trabalham na edificação da patria, ahi está a historia, ahi está a epopéa; e para eternisar os grandes pensamentos, divinisar a materia, e aclarar a razão do poeta e do artista, na escolha dos typos ideaes condignos da generosidade, do heroismo, e da virtude, ahi estão as bellas artes, que tanto cantam e civilisam, com Homero, Virgilio, Camões e Tasso, ou deleitam e extasiam, com Palestrina, Mosart, Beethoven e Pergolese, como instruem e immortalisam, com Phidias, Appelles, Leonardo e Miguel-Angelo; ahi está finalmente

a esthetica, a philosophia a um tempo da fórma e da idéa, da razão e do sentimento, o cadinho maravilhoso onde se decompõem as leis do genio, analysam-se os processos do invento, e pesam-se, como as substancias materiaes nos laboratorios chimicos, os elementos irreductiveis da inspiração.

A esthetica é o compasso de progressão com que deve caminhar a critica para achar assento no templo da perfectibilidade. Sem ella a phantasia se avilta, o gosto falsêa, e a razão impallidece, sempre que encontrar diante de si os monumentos sophismados com que a ignorancia em materia de arte costuma zombar das multidões. Com ella ao contrario, a imaginação multiplica os seus inventos, os sentidos ganham a maxima energia, a sensibilidade moral a maxima intensidade, e a alma como que adquire novas faculdades, que lhe abrem um mundo de percepções ineffavéis.

Entretanto, Senhores, para que o genio nacional se desenvolva, o talento se fortifique, e brotem do solo patrio os fructos aprimorados das artes liberaes, que outras nações obtiveram a troco dos maiores esforços, não basta commentarem-se cathedralmente os annaes das bellas artes, divulgarem-se entre os mancebos predestinados as theorias da esthetica, e encher-se de um esteril enthusiasmo o coração do artista; é mister que o publico se interesse pelo progresso da arte, não deixando baquear o merito, que tanto o honra, para enthronizar a mediocridade, sempre orgulhosa e loquaz,

e entretanto incapaz de comprehender as grandes idéas.

É indispensavel o enthusiasmo da nação para exaltar o engenho, dando-lhe a consciencia de sua força, como é indispensavel ao artista o reconhecimento e a estima do povo para suster sua alma, abrasada nas dolorosas luctas que ostenta com o proprio pensamento, d'onde nascem as grandes obras. A propria thiara inclinou-se prestando homenagem ao genio de Miguel-Angelo, daquelle gigante cuja abnegação fêl-o esquecer-se por vezes do mundo em que vivia, para trabalhar sem companheiro, encerrado na solidão e no silencio da noite, só, com um torrão de argilla, de que, como Jehovah, formava um homem.

Quando um novo livro de Goethe ou de Schiller apparecia, era um acontecimento nacional para a Allemanha: ella olvidava até as guerras do Imperio e os seus proprios desastres. O povo comprehendia instinctivamente que lhe faltava uma litteratura, essa primeira condição de uma nacionalidade, e que, uma vez lançadas as bases do edificio intellectual, alcançar-se-hia facilmente elevar-se sobre ellas o edificio politico. A nação inteira deixava avançar o terrivel exercito de Napoleão, tão entretida parecia com as bellezas do *Wallenstein*. Chegou entretanto a sua vez, em 1815, e Schiller, creando uma Allemanha espiritual pela communnidade das idéas, bem se póde ufanar de ter luctado tão directamente pela independecia da sua patria,

como Blucher e Stein. Trabalhando em vespéras da grande lucta de que sahira a Allemanha vencedora, o poeta sentia a presença da nação que sellava as suas creações com transportes de enthusiasmo, e na justa satisfação que isto lhe causava, sua delicada natureza achou, qual segundo Miguel Angelo, a força de um titão.

Infelizmente ainda não estamos educados para que se proporcionem aos artistas semelhantes emboras; porém a circumstancia de se elevar no paiz mais um altar aos sacrificios da arte, no momento em que se recolhem victoriosas as nossas phalanges, auctorisa-me a crer que teremos de assistir em breve ao alvorecer de mais uma época de gloria para o Brasil, cujos incommensuraveis destinos tanto se firmam no progresso das bellas artes, como nos respectivos progressos de todos os ramos da instrucção publica.

Crer que a divina Providencia baixará sobre nós, derramando em uma região já tão ditosa pelos mimos que lhe fadou a natureza, os beneficios, quer das artes, quer das sciencias, sem que se desenvolvessem os diversos elementos de que depende a futura prosperidade do Imperio, é entreter no proprio espirito uma illusão infantil, que cada dia a experiencia vai tornando mais illocavel.

Com effeito, por toda a parte onde a arte chegou a um alto gráo de perfeição, foi n'uma época de prosperidade geral, e de desenvolvimento intellectual em que, impellida pelo sopro das idéas pa-

trioticas, a imaginação publica foi revestindo de fôrmas sensíveis e determinadas o ideal que a importunava, involto no vago manto do sentimento. E a historia não nos offerece um só exemplo, pelo qual nos seja permittido crer que no meio da ignorancia, ou mesmo da indifferença, se possam erguer engenhos comparaveis a Leonardo ou Miguel-Angelo, verdadeiras alavancas moraes, capazes, quando erguidas, de mover a humanidade.

A terra dos Pharaós, por exemplo, attinge o ponto culminante de sua arte original no XV seculo antes de Christo, da decima oitava á decima nona dynastia, depois da expulsão dos reis-pastores, e da inauguração de uma época de renascimento nacional.

A arte hellenica produz suas obras primas pelo meado do V seculo (tambem antes de Christo), época em que a actividade patriotica, exaltada pelas victorias ganhas aos Persas, desenvolve-se em todo o seu esplendor.

A arte romana, particularmente caracterisada pelas grandes obras architectonicas de origem etrusca, chega ao seu apogêo sob o reinado dos Flavios, os quaes depois da tyrannia de Nero e Tiberio, dão ao estado um governo mais perduravel, e ao imperio una fôrma de algum modo mais consentanea com o espirito da sociedade romana. A era de Trajano marca ao mesmo tempo o mais alto ponto de desenvolvimento nacional e artistico da Roma dos Cesares.

A arte do *Renascimento* surge na Italia, no momento em que, tendo cessado a guerra dos Guelfos e dos Ghibellinos, uma especie de equilibrio politico é emfim determinada pelas rivalidades das republicas italianas; sendo nessa época a prosperidade commercial da Italia sem igual em todo o mundo. Tambem foi a época em que, despertos pelas luctas da Reforma, e sahindo da lethargia religiosa, os espiritos tornaram aos estudos scientificos, elevando a imaginação publica a um auge de ebullicão, a que jamais tornou o povo italiano.

Shakespeare eleva-se na Inglaterra sob o glorioso reinado de Elisabeth, quando, após a destruição da *Armada* hespanhola, a consciencia do povo inglez se recolhe pela primeira vez no sentimento do poder nacional.

Na França, posto que adulteradas pelo despotismo, a arte e a litteratura se desenvolvem sob o sceptro de Luiz XIV, logo que, atravessando numerosas luctas religiosas, e outras tantas guerras civis, a nação consegue fundar a sua unidade intellectual, entre outras que ainda não a tinham.

Na Allemanha, as guerras do lutheranismo haviam quasi dissipado os primeiros vislumbres da litteratura e da arte; porém logo que as tendencias liberaes e as victorias de Frederico o magno despertaram o genio patriotico, appareceram Lessing, Goethe, Schiller, Kant, e muitos outros, inaugurando uma eschola de cultura intellectual, que apezar de ter aberto caminho ao positivismo syste-

mático, não foi a menos efficaz, nem a menos popular; pois della sahiram directamente Cornelio, Overbeck, Schnorr, o poeta dramatico que soube dar uma fórma visivel ás maravilhosas legendas do Niebelungen, Kaulbach, cuja imaginação abraçou a historia da humanidade nas suas soberbas composições do museu de Berlim; Schinckel, o emulo de Visconti; Svanthaler, o Lisippo da Allemanha moderna; e tantos outros, que ajudaram a salvar a gloria das artes germanicas, arriscada ante os louros de Wiertz, Delaroché, Canova e Bartolini.

Mas, basta de divagar por esses paizes que viram a infancia da humanidade, e que ora jazem minados dos vermes da decrepidez, porque, ouço a voz sonora da minha patria volver-me á terra do meu berço e derramar-me n'alma um como orvalho benigno lá das regiões da Esperança. Acho-me no seculo XX, assentado nos degráos de um monumento gigantesco, que se me afigura ser o templo da Paz e da Concordia. As inscrições gravadas na sua base me levam mentalmente ás nobres origens deste grande Imperio; eu cruzo os braços e digo para o sol: volta! O astro esplendente illumina-me todo o passado, cujos arcanos desapparecem ante os seus raios; e eu posso contemplar, do cimo do Corcovado, onde me collocára ineffavel arrebatamento, o grandioso quadro, que se vai estendendo, muito abaixo dos meus pés, desde a base da montanha, até a orla sinuosa do horisonte.

De um lado estão as féracissimas penedias, que começando a se elevarem em torno de immensa bahia, vão formar uma serra gigantesca, cujos empinados penedos, de forma stalagmitica, trazem-me á mente a idéa de um orgão, com suas variadas flautas; do outro lado está o mar, que no seu rugir continuo, parece indifferente ao bulicio, que lá na culta Europa se appellida civilisação. Entre o mar e a serra estão as selvas virgens, de cuja ensombrada coma sahem vagarosas e tremulas as melancolicas phalenas, e exhalam-se com o perfume dos myrtos agrestes as suavissimas melodias das aves, que enchem os ares com o sopro incessante dos ventos, o arruido longinquo das catadupas, a que se vem ajuntar de quando em quando os agudos mugidos da erubia.

Tudo é grande nesta terra da promissão. As palmeiras e as gramineas attingem, por centenaes de especies as proporções mais colossaes, e elevam a lustrosa grimpa até as regiões andinas, por onde se debruçam os vapores conglobados, quando impellidos pelas brizas do inverno. Dos troncos e galhos das arvores, dez e vinte vezes seculares, pendem viçosas as soberbas parasitas, entre as quaes as humidas bromelias figuram como princezas desse reino de flores e perpetuas delicias. Abaixo, na noite das selvas, cresce o feto arbore-scente, até rivalisar em tamanho com as palmeiras do Mediterraneo. Banha-lhe as raizes, arteriolas de sua humilde existencia, um delicioso arroio,

originado nas brechas dos penhascos, que lavam de continuo as aguas da atmosphaera. Parecem lagrimas de contentamento, quando, ainda perto das suas nascentes, se deslisam cristallinas pelas faces dos rochedos, ensombrados pelo roçar dos seculos, e enrubecidos pelos raios do sol.

Abysmado na prodigiosa riqueza, que exhibe ante os meus olhos o magestoso triumvirato dos reinos naturaes, eu ergo os olhos ao céo como para agradecer ao Altissimo o favor de tão ineffavel contemplação, porém ainda alli eu deparo com as maravilhas da terra. São as variegadas borboletas, que perderam o sólo atiradas ás nuvens pelas refegas de leste; são os abutres colossaes, que se balançam pelos ares á espera que o leopardo lhes deixe, á borda dos precipicios, os restos dos seus festins; são as aguias destruidoras, que, suspensas pelas alturas vertiginosas do espaço, e adejando incertas pelas summidades da cordilheira, baixam e elevam-se rapidas, e vem por vezes roçar com as pontas das azas as negras protuberancias das fragas sertanejas, em cujos bicos constroem suas perpetuas guaridas; depois vão-se elevando n'um lento e meneado redemoinho, e gigantes que são, desapparecem microscopicas na amplidão dos céos.

Ah! quanto não é grandioso o espectaculo das mattas virgens, quando o astro da saudade caminha vagaroso pelas campinas do firmamento, e mira-se, debruçado á orla dos vapores, no dorso resplandecente do oceano! Quanto não é sublime, quando

envolto na sua gloria diurna o monarcha das luzes passa triumphante pelas absides do infinito, para depois ir deitar-se no leito de ouro, purpura e brilhantes, que lhe preparam as meigas e voluptuosas tardes dessa terra de virgindade!

Qual é o povo a quem Deus permittiu habitasse esse afortunado continente, que sonhára Seneca na sua *Medéa*, Rogerio Bacon no seu *Opus Majus*, Toscanelli nos seus calculos, e cuja existencia, entrevista por Copernico, e affirmada pelos descobrimentos mecanicos de Galileo, tornou-se uma realidade para o immortal Colombo? É um povo barbaro, agreste, simples, inculto, porém hospitaleiro até com o proprio inimigo que o procura; esse povo é zeloso mais que tudo da sua independencia, audaz e bravo nos combates, impavido e heróe em face da morte, generoso e leal para com as nações estranhas, mas implacavel contra a escravidão.

«Estrangeiros, que velejais incertos á mercê das correntes oceanicas, não vos aproximeis tão cedo deste vergel de delicias; volvei a leste, que lá estão, e não nesta terra de liberdade, os imperios destinados por Deus, para fartar durante seculos vossa colossal cubiça!

Entretanto a ruina do gentio estava escripta com caracteres de sangue no livro dos decretos eternos: os estrangeiros desceram á terra, e com elles a avidez do ganho, o facho da destruição, a escravatura, mas tambem o lábaro sagrado, á cuja

sombra se foram abrigando, uma após uma, as tradições humanas, a moral, a philosophia, as sciencias astronomicas, n'uma palavra os diversos elementos da civilisação européa.

Indignadas da brutalidade, e muitas vezes da má fé dos conquistadores, — muitos dos quaes, divididos pelas nacionalidades a que tinham renegado, disputavam-se o novo imperio, — as heroicas populações da terra de Santa Cruz sangraram de dôr, e depois se foram retirando para o âmago della, a contarem ás florestas virgens a tristissima aventura de sua dilatada agonia. Quem as ouviu? Todos, menos a historia, que nessa época ainda não tinha lagrimas para chorar o infortunio. Engano-me: ouviram-nas Las Casas e o padre Vieira, e depois, muito depois, Gonçalves Dias, Magalhães e Augusto de Saint-Hilaire.

Batidos da tribulação, devorados de saudade, « não ouvindo mais os échos da solidão repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas das suas montanhas, » enquanto o machado e o arcabuz soavam discordes, misturando os estálos dos troncos que pendiam, e os gemidos das familias mutiladas ás solemnes melodias do deserto, os cantores do Amazonas, os poetas do Chimborazo, penduravam suas theorbas nas palmeiras que bordavam o pégo da escravidão; e quando os homens que podiam apreciar as suas barbaras endechas, quando aquelles que se podiam deleitar com o perfume dos seus louros agrestes, e a belleza das suas

incultas melopéas, vieram pedir-lhes a reproducção desses sentidos poemas, em que o heroismo gemia amarrado ao cadaver da liberdade, elles cobriram suas faces humedecidas do pranto, e abandonaram as peças mudas e despedaçadas dos seus instrumentos de musica ao sopro rijo da tempestade!

O furacão, porém, afrouxou pouco e pouco; e a chuva de lagrimas com que os olhos do gentio regaram o sólo brasileiro devia produzir seus fructos quando chegasse a estação propicia; porque a se-gure destruidora tingio-se de sangue quando vibrou pela primeira vez no tronco venerando do *páo-brasil*.

Com effeito, povoações florentes foram surgindo como por encanto, das margens do Oyapoc até ás cabeceiras do Prata; e em menos de um seculo muitas dellas se haviam transformado em cidades, cuja futura importancia era impossivel calcular. Cada arvore que tombava era para dar alicerce a uma habitação; cada pedra que se removia, era para dar logar a um templo; cada fonte que estancava era para dar assento a uma eschola publica, onde os filhos do paiz pudessem beber a instrucção. A questão foi só de tempo. A força das cousas foi escrevendo o verbo da perfectibilidade, por toda a parte onde foi desaparecendo a independencia estacionaria. Por muito tempo maneatada pelas circumstancias, a nação infante ia despedaçando com os pés a cadêa temerosa que lhe lançavam no berço os inimigos da gloria materna. Infaustos

acontecimentos trouxeram ás suas praias milhares de guerreiros, que ousaram dividir entre si o sólo brasileiro: batalhões aguerridos opprimiam suas cidades, enquanto esquadras formidaveis senho-reavam-se de suas costas; era uma vara de ferro que se ia prolongando do magestoso Amazonas á opulenta Bahia.

A injustiça pretendeu fundar o seu dominio sobre os alicerces erguidos no crime; mas foi em balde, porque o braço de Deus tinha amarrado o nosso Imperio ao carro do progresso universal, e era necessario caminhar com elle. O Leão de Hespanha retrocedeu espavorido diante de nós quando nos vio balançar o Liz da França, pendido tristemente no seu pedunculo; e a Hollanda pranteou amargamente suas atrevidas legiões, cortadas do ferro do valente pernambucano. E quando o velho e cansado Portugal, alluido pela guerra civil, quiz conter o vôo desta aguia soberba, que ameaçava galgar o espaço e transpôr de um surto as regiões coloniaes, foi tarde! Os filhos do Brasil tinham por mais de uma vez esgotado o calix do ostracismo; expiações cruentas haviam preludiado os successos gloriosos, que tres seculos esperavam com extrema anciedade, enquanto holocaustos espontaneos annunciavam a hora bem dita, que havia de marcar a regeneração da patria. Era a santa liberdade, que marchava magestosa pelo orbe, que arrebatava, que aniquilava os diques e as represas que se oppunham á sua passagem!

Foi então que o gigante do tropico ergueu-se de todo, e empunhando o diadema em que se prendiam os destinos da sociedade brasileira, cingio a fronte illustre do Principe Regente, cuja gloriosa memoria ha de fulgurar nos annaes da humanidade, até a consummação dos seculos.

O que mais se desdobrou ante mim, ah! como o poderei eu celebrar, se minha palavra é tão rude, e meus labios se paralysam quando tão augustas recordações agitam minha alma!? Impotente em descrevel-as dignamente, contentar-me-hei enumerando simplesmente alguns successos, semelhantes aos ingenuos habitantes da America primitiva, que atiravam ao rio as amostras brutas dos seus mineraes preciosos, para convencerem aos estrangeiros do quanto lhes restava ainda.

Vi estremecerem de júbilo as margens do Ypiranga quando nellas retumbou o grito magestoso de « independencia ou morte! » Vi o nosso estandarte tremular victorioso por toda a parte onde foi pleiteada a nacionalidade brasileira; vi o principe popular jurando, perante a face do universo, a constituição politica do novo imperio; e celebrarem-se tratados de commercio e de alliança com os maiores povos do mundo; vi a mocidade intelligente do Brasil pela primeira vez sentada nas escholas da lei, que se haviam erguido em Olinda e em S. Paulo; vi fundar-se na Côrte o supremo tribunal de justiça; n'uma palavra, vi constituir-se social e politicamente um grande imperio sem que

gemessé a humanidade. No meio, porém, destes successos vi desfraldar o Augusto Apostolo da liberdade, deixando em seu throno abalado pela inconstancia e ingratição, um innocente, que a nação abraçou com amor, e que Deus protegeu, ungiendo-o com um raio da luz do sol da intelligencia e da bondade.

Essa bella Guanabara, que eu conheci vestida simplesmente com as galas tropicaes, vi-a depois adereçada dos mais bellos ornamentos da civilisação, e coroada de sumptuosos monumentos. Eram vastissimos hospitaes, onde a probreza achava amparo; eram immensas alfandegas, onde se encontravam todos os productos do universo; eram magnificos diques, museus, estradas de ferro, com seus tunneis e suas pontes lançadas sobre os abysmos; eram esgotos monumentaes, jardins publicos, a estatua equestre do fundador do Imperio, escholas primarias, faculdades e academias; eram associações livres onde os filhos do povo iam aprender os primeiros rudimentos das artes; era emfim o telegrapho electrico, que se estendia em todas as direcções, communicando ao paiz uma sensibilidade instantanea. Vi o reconhecimento publico premiar com os mais estrondosos applausos os vingadores ovantes da honra nacional; e o feliz ostensor dessa vida tão brilhante, recusar a estatua equestre que lhe offerecia a patria agradecida, para ensinar ás nações, que a verdadeira estatua é aquella que esculpe a instrucção na intelligencia do povo.

Vi mais a idade do marmore, assentada sobre a do granito, e o camartello abatendo as ruas estreitas, que o vapor transformava em sumptuosas arterias; vi as sciencias sociaes aclarando a razão publica, e consolidando no coração das massas populares a paixão das virtudes pacificas, que abriram os surtos da heroicidade; vi desaparecer a escravatura, sem que a violencia salpicasse de sangue a sagrada stringe da liberdade; vi a historia repetindo as glorias do passado, e gravando na face dos seculos os nomes e feitos dos heróes que trabalharam na edificação da patria; vi as bellas artes elevando um templo para acolher as primicias do genio brasileiro, entre as quaes avultavam irradiantes os *Ultimos Cantos*, a *Nebulosa*, os *Tamoyos*, e o collossal *Colombo*; e o Pantheon de todas as nossas glorias erguendo os seus dourados zimbórios sobre a fronte placida da princeza do valle, que banha as plantas no oceano, e repousa a cabeça no cimo das montanhas, junto do céo.

Debalde procurei ver os monumentos elevados á mediocridade audaz; uma rasoura implacavel tinha passado por cima delles, e tombados por terra já os havia esquecido a consciencia illustrada da posteridade. O'gloria, ó immortalidade! jámais serás o patrimonio da ignorancia e do charlatanismo! Não cingirás sua deprimida testa dos louros reservados á virtude, ao heroismo e ao verdadeiro genio!

E vós, Senhor, que do alto da vossa gloria ve-

lais sobre os destinos deste povo victorioso, mandai que uma paz ditosa e perduravel, seja a recompensa e a corôa de tantos esforços; e que, unidos uns aos outros pelos vinculos indissoluveis da civilisação, possam os Brasileiros contemplár, no meio da prosperidade, as ultimas realizações dessa sublime prophecia, que escreveu a Esperança no seio, ainda não manchado, de um pobre operario do bello!





DISCURSO

PROFERIDO NA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS ARTES

EM PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

no dia 26 de Setembro de 1870

por ocasião

da

DESTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS AOS ARTISTAS

que se distinguiram na precedente Exposição

(Mandado publicar em primeira edição pela Congregação Acadêmica)



SENHOR!

Meus Senhores! — Por mais que alguns philosophos, seduzidos pelo amor da humanidade, tenham querido inculcar uma época em que o progresso da civilização por si só ha de ser bastante para reduzir todos os homens a uma absoluta igualdade, o conhecimento da natureza humana e a experiencia de largos seculos desmentem este sonho infantil. A diversidade das intelligencias, das aptidões e dos caracteres traçou entre os homens um sulco profundo, que de balde tentarão annullar os mais ousados socialistas. O ignorante, que vive estranho ao mundo de que faz parte; o fementido, que apunhala na alma do amigo os mais ineffaveis sentimentos; o invejoso, que de industria desconhece as grandes faces do talento, da inspiração e do heroismo, não podem ser equiparados ao sabio, que existe como um centro de attracções intellectuaes no meio da criação, aos grandes caractéres, que illustram as grandes virtudes; ao homem de genio, de quem deriva tudo quanto ha formoso e gigantesco na civilização; porque os primeiros constituem a

parte retrograda e dissolvente das nações, os outros formam o seu elemento motor. Uns inventaram a censura, o embuste e a calúnia, para amesquinhare as proporções dos grandes inventos, desprestigiarem o merito, e darem em terra com os animos ainda não tismados á tocha da infamia; outros, verdadeiros estandartes do progresso, permittiram que, á sombra das maravilhas sahidas de suas mãos se fosse formando a critica judiciosa e sensata, para apontar as qualidades, lastimar os defeitos, e cumprir desta arte a sua dupla missão de orientar o genio transviado, e acostumar o espirito publico aos juizos difficeis e melindrosos da esthetica.

São destes ultimos os verdadeiros artistas, isto é; os homens a quem a Academia manifesta todos os annos a sua estima, concedendo-lhes os seus premios.

Tal é, senhores, a natureza e excellencia do acto que hoje celebramos; e por isso vemos reunido neste recinto tudo quanto ha mais nobre e illustre no nosso heroico imperio: autoridades venerandas, professores abalizados, academicos briosos e distinctos, cidadãos de todas as classes, probos e honrados, todos, todos á porfia querem ver e conhecer os mimosos filhos das musas; todos querem gozar o grandioso espectaculo do triumpho do genio coroado pelas augustas mãos do seu mais illustre protector.

Se, porém, este acto já era por sua natureza grande e solemne, tornou-se solemnissimo depois

que muitos e mui brilhantes successos collocaram o Brasil em uma éra essencialmente organica, em que cada facto social deve achar sua razão nas necessidades do paiz, e corresponder a um ideal conforme ás aspirações da época. Temperados á chamma da verdade, fortificados nas luctas incessantes do progresso, exultando de prazer aò vermos fulgirem os louros da gloria na frente de tantos genios nacionaes, que se vão illustrando no cultivo da musica, da architectura, da estatuarica e da pintura, já não podemos considerar os phenomenos artisticos realizados por brasileiros como um élo desprendido da cadêa dos factos que nos illustram, uma pagina solta desse livro immorredouro em que se vão archivando uma após uma todas as glorias nacionaes.

E quanto, Srs. artistas, não são augustas as vossas funcções, quando assim vos vêdes ligados aos destinos da sociedade brasileira! Come não deveis exultar de enthusiasmo quando reflectirdes que foram os vossos antecessores na arte de sanctificar o bello os mais fortes esteios do progresso, os mais illustres percursos da civilisação, os mais infalíveis prophetas de todas as religiões que durante o vasto curso dos seculos elevaram seus templos no coração e na consciencia da humanidade?! Chamai a historia universal, não como é generalmente ensinada nas nossas escholas, onde se deixam á sombra todos factos que respeitam o descobrimento da verdade, mas trazendo comsigo toda a intuição

do passado, e mandai-a desdobrar diante de vós a grandiloqua prophécia da realidade; evocai a alma do mundo antigo, e contemplai-a em toda a sua nudez!

Vinde, povos sonhadores da India, dessa terra de mysteriosas tradições, vinde dizer-me o que vos resta da vossa antiga grandeza! O syllogismo, que pretendeis terdes inventado? Impossivel, que esse escreveu-o Deus entre os vocabulos do pensamento do primeiro homem: os principios da vossa philosophia theologica, que segundo os sacerdotes de Ariúna continham effectivamente *toda a sciencia?* a vossa constituição politica e social, que encerrava virtualmente todas as combinações possiveis para resolver em todas as hypotheses imaginaveis o problema do futuro? Enganai-vos, que por cima de tudo isto passaram victoriosos os soldados de Alexandre, depois passaram todos os grandes povos, e o arruinaram completamente. A vossa sciencia da natureza, em que os phenomenos sociaes se explicavam pelos movimentos planetarios e até pelos accidentes meteorologicos? Desappareceram, como os vossos sonhos em politica e em theogonia. Restam-vos sómente para vossa gloria os gigantescos monumentos da architectura e da esculptura, que, com as prodigiosas phantazias de Wiasa e de Valnichi, salvaram-vos do esquecimento da posteridade, ou mesmo do desprezo dos vossos implacaveis conquistadores.

Vinde, terra amarga dos Egypcios, patria da

melancolia e da superstição! Onde estão os vossos antigos esplendores, e que resta de tanta magnificencia? Os pharaós foram vencidos pelos Persas decadentes, e suas mumias cahiram em poeira debaixo dos pés oppressores dos estrangeiros do Occidente; vossa estoica moral foi condemnada por uma outra moral, e o *caminho do sol*, maximo esforço de vossa phantastica sciencia, encheu-se de urzes e tojos, desde que a eschola de Alexandria começou a cultivar a geometria e a sciencia dos numeros: restam porém os edificios de Philè, de Elephantina e de Karnac, para irem restaurando pouco a pouco essa estatua gigantesca que, baseada nas pyramides, enchia de pasmo e assombro a humanidade, com sua linguagem a um tempo estranha e vehemente.

Vinde sympathica e gloriosa Grecia, mãi formosa do heroismo e da poesia! que foi feito dos vossos deuses, que povoavam outr'ora os caminhos, as grutas, os rios, os lagos, os mares, o ar, o fogo, e que, reunidos em conselho, decidiam, do alto do Olympo, da sorte do universo? Todos cahiram ante a magestade do Deus de Socrates e das tradições mosaicas. Onde está a vossa legislação, desde que appareceu a de Roma? Onde está a vossa philosophia? Desabou ao sopro da sciencia vulgar dos Arabes, que mandaram á Europa o telescopio para refutal-a. Vossa formosa Minerva escondeu as faces enrubecidas de vergonha, quando viu no berço da criação moverem-se Copernico e Galileo, isto é,

dous dos immortaes fundadores do methodo das sciencias experimentaes, que cercearam por suas bases as escholas deductivas, que pareciam gemeas da eternidade. Restam porém os poemas e as estatuas, para, com as leis da architectura, civilisarem todos os povos que vos succederam na scena do mundo.

Vinde, Roma opulenta e magestosa, leito primitivo de todas as virtudes civicas, séde perenne dos pontifices; que vos resta de vossas antigas pretenções de aniquilar as sociedades, reduzindo todos os povos do orbe á humilde condição de vassallos? Apenas uma saudosa recordação no espirito dos homens ambiciosos e perfidos. Que foi feito dessas trezentas mil entidades divinas, que guiavam as vossas legiões atravéz dos continentes e dos mares, e que colligidas contra a Persia, Babylonia, Syria, Egypto, Grecia, Carthago e todo o Occidente, deram em terra com a liberdade social, que haviam proclamado os povos hellenicos? Todos desappareceram ante o Deus unico da Biblia, da concepção colossal do christianismo. Onde foi que se escondeu vossa antiga fortaleza, vossa lei e vossos grandes moralistas? Tudo, tudo se esvaeceu ao sopro tempestuoso dos barbaros; e quando vieram os povos modernos, apenas acharam um livro, o grande *Digesto*, para provar-lhes que Virgilio e Tacito foram contemporaneos de grandes juriconsultos; ficaram sobretudo as gigantescas abobadas, os vastos amphitheatros, os circos, as pontes e os

arcos de triumpho, que espalhados por todo a parte, attestam uma civilização extraordinaria e uma prepotencia politica sem exemplo na historia dos povos antecessores. O mais é obra dos artistas da palavra.

E vós tambem, sociedades que nascestes sob o reino da idade media, levantai-vos despidas dos vossos ridiculos attavios, e vinde dizer-me o que resta de vossa logica, de vossa dialectica, sciencia didactica em que cada palavra era uma substancia, cada phrase un thema de profundas cogitações, e cada argumento um incomprehensivel exemplo de penetração? Nada! Arnauld de Villeneuve, que vós não comprehendestes, Abelardo, que vós perseguistes, e Rogerio Bacon, que vós quizestes sacrificar, já haviam cavado a vossa ruina antes de apparecerem na Inglaterra, na França e na Italia os tres restauradores das sciencias positivas. Restavos porém a cathedral gothica, a mole gigantesca de ferro e gréz, para desculpar-vos os erros e os transvios, e symbolizar eternamente a fé catholica em todo o ardor de sua pureza primitiva.

E ainda essa architectura, em que se achavam concentradas todas as vossas esperanças, todas as ambições da theologia, quem a derrocou? Foi o architecto Brunelleschi, que senhor da propria independencia intellectual, oppoz a razão á tradição, e de um surto venceu a antiguidade. Ahi está a Sé de Florença, que repelliu a invasão ascetica na Italia, constituindo-se a primeira estrophe desse mavioso cantico da intelligencia, o allegro dessa

grandiosa symphonia, concurso maravilhoso de todas as manifestações do espirito, a que chamamos *Renascença!*

Ah, filha formosa da antiguidade exhumada! poema de inspirações infinitas! quem foi que te trouxe ao mundo? Foram os peripatheticos, que suppunham regenerar a sociedade fazendo-a lêr Aristoteles nos livros de Avicennes e d'Averróes, nos quaes nem ao menos uma paraphrase do pensamento do *mestre* se encontrava? Foi a escolastica, dos doutores da antirazão, que gastaram tres seculos de renhidas discussões a proposito de um parallogismo? Foi Carlos VIII e Luiz XII, que aplainando a serra dos Alpes tentaram aniquilar o genio italiano, aterrado pelo espectaculo das victorias de uma civilisação semi-barbara? Foi Colombo, o duplicador da superficie da terra, cujos grandes descobrimentos prolongaram por mais de dous seculos a duração da idade media? Foi Gutenberg, que para illuminar as novas sociedades recebeu dellas a triste condição de multiplicar intemperadamente os mysticos e os escolasticos, inimigos radicaes de todo o progresso? Foi Machiavello, que escreveu um volume para ensinar aos despotas a fazerem de nações inteiras materia bruta de suas experiencias peculiares? Foi Luthéro, emfim, que tentou fundar o reino do futuro restaurando o imperio do passado? Não! foi Erasmo, o delicioso chorista d'Utrech, o pintor do cruxifixo de Basiléa, que, depois de reedificar

nos seus *Adagios* o bom senso da antiguidade, mandou ao Papa, no *Elogio da loucura*, o primeiro ensaio triumphante da critica moderna e livre; foi Copernico, o retratista de Thorn, que instruido nas eternas harmonias da esthetica, preferio no estudo dos *cosmos* o systêma racional heliocentrico, ao systêma visual de Ptolemeu; foi Kepler, a um tempo musico, desenhador e geometra, que, da simples inspecção de uma figura plana, deduziu as quatro leis admiraveis que pozeram nas mãos de Newton a chave do mundo planetario; foi Galileo, que do estudo da pintura passou ao da musica, para depois, elevando-se á astronomia, merecer da posteridade o titulo de descobridor do firmamento; foram finalmente Dante, Leonardo de Vinci, Petrarca, Miguel-Angelo e Raphael, que, cultivando as artes da paz, souberam realizar, sem violencia nem perfidia, a grande revolução moral e intellectual de que sahiram victoriosos os principios da civilização moderna.

Eis, senhores artistas, algumas dessas verdades que os historiadores costumam esquecer, não obstante o terem ellas mudado radicalmente a face do mundo.

Iniciados na arte de eternizar a virtude, a illustração e o heroismo, destinados, a serdes perante as gerações do porvir os fieis interpretes das nossas glorias, penetrai-vos, pois, do venerando encargo de que vos achaes incumbidos; dessa especie de magistratura de que vos revestiu a civilização, e

não vos esqueçais nunca que as sociedades futuras terãõ os olhos fitos nos primores sahidos do vosso engenho, quando quizerem historiar a vossa época. Gloriosa phalange de soldados do progresso, que vinde cada dia ajuntar mais uma pedra ao monumento da patria, não desanimeis ao verdes o abutre da inveja crocitar frenetico em torno dos vossos trophéos; erguei o escopro creador e desabai-o rapido sobre a materia prima: o monstro intrincheirado nos sarçaes lodacentos da preguiça, fugirá espavorido ao rumor da inspiração, e desapparecerá consumido pela propria raiva, quando sentir aproximar-se-lhe o facho da verdade!

E vós, Senhores, illustrados promotores da prosperidade patria, a quem deve a nação tantos elementos de vitalidade, dignai-vos de considerar sempre as artes liberaes como o faziam outr'ora os legisladores gregos: pelas suas grandes faces, e á luz dos interesses da civilisação. Mais felizes do que esses operarios, que ora vedes cobrirem o peito com o galardão do trabalho, com o premio das virtudes pacificas, que tão dignamente exercem, os cultores da sciencia saúdam na creação de um grande fóco de desenvolvimento intellectual a aurora de um dia esplendido. Se uma igual perspectiva se abraisse para os artistas, tenho a firme convicção de que seria altamente proficua, não somente ás bellas artes, senão a todos os ramos de desenvolvimento industrial.

A numerosa classe, que tem a honra de contar em seu seio talentos como Carlos Gomes, tão entusiasticamente victoriado pela Italia; Mesquita, cujas composições sagradas cada vez mais o recomendam á admiração publica; Archangelo Fiorito, que durante cinco annos consecutivos de trabalhos incessantes não deixou de auxiliar o progresso da arte nacional; Victor Meirelles, o illustrado auctor da *Primeira Missa*, e de alguns interessantes esboços relativos á historia patria; Agostinho da Motta, o gracioso pintor das nossas paizagens; Ferro Cardoso, que depois de reedificar grande parte da famosa Luvania, projectou ligar por uma arteria sumptuosa os grandes bairros de Bruxellas, tornando-se por semelhantes factos, elle, brasileiro, um dos primeiros architectos da Belgica; Chaves Pinheiro, cujas formosas producções, uma das quaes é colossal, asseguram-lhe um lugar distincto na historia da arte contemporanea; Pôrto-Alegre, o illustre decano dos artistas nacionaes, cujo nome é uma das maiores glorias do Brasil; uma classe tão provida de homens eminentes, e em particular a Academia, que apezar de ver limitadas por muitas circumstancias as consequencias do seu ensino, tem formado os principaes professores das nossas escholas especiaes, imploram e merecem a vossa illustrada protecção. Os artistas carecem de trabalho, principalmente de trabalhos de utilidade publica. Eis o ponto essencial, a questão de maxi-

ma importancia, para quem quizer considerar o progresso das bellas artes no Brasil debaixo do seu verdadeiro aspectò. Entre os muitos artistas celebres de que faz menção a historia, raros foram aquelles que se illustraram nas escholas officiaes. Incumbidos de grandes encargos, quasi todos tiraram disto as regras do methodo, e o enthusiasmo necessario para as grandes realizações. A satisfação desta primeira necessidade traria, pois, necessariamente, a solução do problema do ensino.

E já que tóco em tão importante assumpto, seja-me permittido annunciar-vos solemnemente que a academia de S. Lucas acaba de distinguir com um primeiro premio o actual pensionista do governo naquelle cidade; porque este facto, confirmando de algum modo a excellencia do ensino que offerece a Academia das bellas artes do Rio de Janeiro, milita em favor da opinião que professo, que não é tanto nas condições actuaes do methodo, como em circumstancias exteriores a elle, que está encerrado o segredo do progresso e do verdadeiro desenvolvimento das bellas artes.

E que vos falta, senhores, que formais os grandes poderes do Estado, para vencerdes as difficuldades e os obstaculos de tão gloriosa tarefa? As riquezas, as honras, os interesses geraes, e por consequencia o gosto, os costumes e as paixões patrioticas, tudo isto não está nas vossas poderosas mãos? Arbitros dos nossos destinos, os primores das artes

não se cream sem a vossa vontade! Fallai; o genio impaciente vos escuta; o granito e o marmore das montanhas rolarão até os alicerces dos nossos edificios; e a patria agradecida, que já saúda em vós os cultores da verdade e os promotores do bem, saudará igualmente os admiradores ferventes e os esclarecidos protectores do bello!





DISCURSO

PROFERIDO NA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS ARTES

EM PRESENÇA

DE SUAS Magestades e Altezas Imperiaes

no dia 31 de Dezembro de 1872

por occasião

da

DESTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS AOS ARTISTAS

que se distinguiram na precedente Exposição



IMPERIAL SENHOR!

Meus Senhores! — Mais do que as victorias militares são as victorias do trabalho festivas e alegres; mais do que os triumphos da força sobre as sociedades são os triumphos do homem sobre o seu proprio passado dignos de gloria e immortalidade!

Ha bem poucos annos que o cultivo das bellas artes, considerado pela generalidade dos Brasileiros como um mister insensato, e respeitado e seguido apenas por alguns raros espiritos que a Providencia parecia ter abandonado ao desdem das turbas ignorantes, começou a transpor os estreitos limites dessa existencia enferma; e entretanto que rapida evolução se não effectuou depois, e ainda continúa a transformar o gosto dos homens distinctos e até das massas populares!

E' que o mundo caminha: a intelligencia humana cada dia recebe maior cabedal de sciencia na mesma unidade de tempo; e a sensibilidade artistica não podia deixar de aguçar-se com as novas aquisições da vida civilisada, que inoculam no animo do homem o germen de idéas e percepções até então desconhecidas.

E nós Americanos, nós Brasileiros, que recebemos diariamente o sopro vivificador desse universal movimento poderíamos, briosos e sedentos de perfeição, nos conservar immoveis perante o nosso seculo, e como refractarios a essa especie de electricidade intellectual, que é o caracter distinctivo dos tempos modernos? As consequencias moraes de uma vergonhosa inercia em semelhante conjunctura ninguem parece ter calculado como o artista; ninguem antecedeu-se a poupar-nos com a coragem dos cultores do bello, isto é, da classe mais debil e ao mesmo tempo mais desprotegida de quantas no Brasil sentem gravar-lhe sobre os hombros os grandes encargos da educação liberal.

Mas porque ainda não foram satisfactorios os maiores resultados dos esforços dessa classe? Porque a evolução ainda não foi completa no gosto geral; e podemos dizer com o illustre ex-director desta Academia ha dezeseite annos (1) que o « espirito publico ainda não se nivelou com aquelle plano das sociedades altamente educadas, do qual se consideram as bellas artes como uma necessidade vital: o legislador, apezar das concessões que vai fazendo, ainda não está compenetrado do seu valor humanitario, e da realidade do artista como força productora. »

Tres condições são necessarias e indispensaveis

(1) Discurso do Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre em 2 de Junho de 1855.

para as grandes realizações estheticas: o genio, o methodo, e o ambiente social. Quantas vezes não tem faltado esta ultima ás organizações robustecidas pelo estudo e exaltadas pelo amor da gloria! Triste e desenganado, quantas vezes não tem o genio atirado o seu escopro para longe do marmore, onde ia cavando uma após outra as magoas que lhe cortavam a vida! Quantas vezes elle não emigrou desta terra abastecida de intelligencias e de dotes materiaes, para ir, longe della e das mais ineffaveis affeições, ganhar o pão das honradas e modestas existencias! Quantas, oh quantas! todos nós não temos visto o astro da illustração e do talento passar melancolico, bem que radiante, pelo firmamento da vida, para ir atufar-se no oceano do desalento e do esquecimento, depois de eclipsado pela mediocridade venturosa e audaz!

Pallido e lamentavel espectaculo em um paiz tão joven e tão prodigiosamente opulento!

Enganam-se aquelles que pensam que a epoca, mais commercial do que contemplativa, mais mechanica do que philosophica, não carece dessas manifestações plasticas da imaginação e do gosto. Os verdadeiros interpretes das necessidades do nosso tempo sentem que em philosophia, como em todos os grandes objectos da vida intellectual, são indispensaveis os desenvolvimentos e as transformações, cousas que na arte não são difficeis nem dolorosas e arriscadas como em religião, em sociologia e em politica.

Semelhante ao seculo passado, de que nasceram muitas das instituições deste, e um modo de philosophar inteiramente novo, passa o seculo presente em uma continua elaboração, cujo resultado não podemos prever, mas que ha de, por certo, ser grandioso; e não é possível que o resultado característico das locubrações de nenhum seculo de aspiração á liberdade e á luz seja o desaparecimento de uma faculdade tão manifesta em todas as epochas de lucta, a faculdade esthetica, essencialmente creadora, impessoal como a verdade, e companheira de todas as grandes idéas que fizeram a gloria das diversas civilisações.

Pelo contrario: applicando o pensamento ao esame do que se tem passado no Brasil desde os primeiros vagidos da sua actividade social, vemos que o gosto do bello vai se apoderando progressivamente das intelligencias elevadas, a ponto de podermos hoje esperar uma mudança radical no modo de encarar o artista.

E, com effeito, as bellas artes tão retrahidas nos tempos coloniaes, que só se manifestavam nos muros dos templos, ou como timidas plantas enroscadas ao bastão de ferro de um ou outro vice-rei; as bellas artes tão vacillantes no reinado, tão humildes no primeiro imperato, apesar dos esforços do Visconde de S. Leopoldo, hoje despontam em mais largos horisontes! Da opa, da casúla e da estamenna, onde ainda se conservam pelo poderio do altar e pela divindade da crença, já se secula-

rizaram, por assim dizer; e passando do templo á praça publica invadiram o telonio official, e das mãos do Governo iráo desassombradamente exornando o Imperio pela architectura, a esculptura e a pintura, para, com as suas eloquentes corporificações, balizarem os degráos de ascendencia ás idéas superiores e aos factos que marcam os nossos progressos na civilisação.

A maioria dos nossos pais estranharia o arrojo de entregar-se a historia da patria e o complemento das nossas glorias civis e militares ao escopro e ao pincel, como se está presenceando, e estão practcando os ministros da Marinha, da Guerra e do Imperio, e o Senado, Senhores, aonde em breve se estadearão as respeitaveis imagens dos seus immortaes oradores, da sua gloria na edificação e progressão da patria (1).

O que foi a nossa primeira Exposição, ha 42 annos, e o que foi a ultima? A de 1830 um balucio, e a de 1872 uma revelação, um discurso e uma promessa de dias prosperos, brilhantes e gloriosos para o genio nacional.

E entretanto, Senhores, nem a attenção publica que temos alcançado compensa os nossos esforços, nem a escala ascendente que percorremos está em proporção com a grandeza das aspirações patrias. A arte brasileira, a verdadeira filha da poesia sul-

(1) Era idéa do Visconde de Abaeté, então presidente do Senado. Infelizmente não teve successores que o comprehendessem.

americana ainda não foi creada, porque não pôde ser obra de alguns homens de gosto desterrados neste vasto mercado do Rio de Janeiro, e divididos entre si pela ignorancia, pela pobreza e pela inveja.

Produzidas pelo amor do bello, e inspiradas do patriotismo, do sentimento da natureza e do ideal, ou simplesmente do gracioso, as obras ultimamente expostas neste edificio não são o resultado de um enthusiasmo geral, nem de uma protecção sincera: são-no, sim, de um grande e puro desejo de gloria, acompanhado de um sem numero de sacrificios e dissabores, de que houve plena presciencia, mas para attenuar o effeito dos quaes alguns destes defensores do imperio da formosura invocaram todas as energias da alma e do coração, para não cahirem estenuados e exangues antes de alcançarem a pequenina victoria.

Não me cabe aquilatar agora o valor absoluto ou relativo das obras expostas ultimamente. Encarando-as da cadeira que tenho a honra de occupar nesta Academia — e da qual recommendo a imparcialidade como uma das grandes virtudes que gera a experiencia historica, — deduzo a apreciação dos factos da contemplação dos principios; e em materia de esthetica não posso admittir seja verdadeiro o materialismo, quer se chame naturalismo, *verismo* ou *impressionismo*, quando na moral, na psychologia, e até nas sciencias positivas da materia, o estudo me demonstra a falsidade de um systema que sempre conduziu ao exclusivo, ao

accidental, e ao manifestamente contrario á liberdade da concepção e da idéa.

Representantes fieis do bello e do verdadeiro todas as vezes que a profissão das artes é elevada á categoria de uma instituição patriótica, de um ministerio importante, nobre e indispensavel á grandeza moral e material das nações, tornam-se os artistas meros interpretes dos appetites transitorios de uma epoca, ou de uma geração, quando lhes faltam aquelles poderosos incentivos, e com elles as enthusiasticas aspirações á immortalidade. Olhai para a eschola franceza; encarái-a através de todas as peripecias de sua historia, de todas as idéas predominantes, e vereis que seus pintores as acompanham perfeitamente divididos segundo o caracter peculiar a cada epoca. Lebrun, Poussin e Lesueur correm parellas com Bossuet, Fenelon, Racine e outros; e os fabricantes de idyllios, das Venus e dos Amores, com o espirito dos reaes namorados e com os da Regencia. A Republica, toda grega e romana, deu estatuas coloridas; o Imperio batalhas e scenas do cesarismo; a Restauração, um regresso á idade media e ao culto; a monarchia de Julho um termo medio, especie di reacção sobre o passado, que chamou-se Romantismo; e a época actual, mais propensa ao commercio, uma grande producção sem caracter determinado (1).

(1) Vide o *Relatorio* do Ex^{mo} Sr. M. d'A. Porto-Alegre na collecção dos relatorios escriptos por occasião da ultima Exposição Universal de Pariz.

Accrescentemos que os gigantes e dolorosos successos que affligiram a França depois da ultima Exposição universal, já imprimiram na arte franceza um cunho inexperado, e porventura novo nos fastos da sua eschola, em cujas recentes paginas patenteam-se as profundas e vivissimas dores que pungem o coração e consternam a alma do grande e generoso povo francez. E se isto assim não é, porque tornou-se tão sombria, tão phantastica, e uniformemente melancolica aquella palheta que, inda não ha muitos annos, era tão brilhante nas mãos de Delacroix, tão altiva nas mãos de Horacio Vernet e do seu discipulo Yvon, e tão placidamente risonha nas de Jeronymo, Baudry e Cabanel?

Esta correlação entre o estado geral dos espiritos e os artefactos do homem foi sempre tão estreita e tão evidente, que sua prova historica já se vai tornando um logar commum para aquelles que conhecem estes assumptos. É cousa triste de ver os esforços que fizeram Phelippe V, Fernando VI, Carlos III, e outros reis d' Hespanha, para restaurar a antiga pintura hespanhola: vães tentativas: o espirito publico estava abatido, e o enthusiasmo artistico não podia desdizer do adormecimento intellectual e moral da nação.

Assim, por toda a parte onde houve o genio, a condição indispensavel para as suas santas expansões foi a acção collectiva da sociedade, a qual não é mais do que uma especie de placenta para o desenvolvimento intellectual do cidadão e do ope-

rario. Quando sua organização e suas tendencias o attrahem e fazem vigorar os fructos do pensamento cultivado, ella se torna um preceptor esclarecido, e expande de si propria essa atmosphaera que fecunda e alimenta todas as producções do engenho. E eis porque o Sr. Taine, reconhecendo a grande parte de gloria ou de responsabilidade que recae sobre os contemporaneos do artista, formulou a seguinte lei empirica: *a obra d'arte é determinada pelo estado geral do espirito e dos costumes de cada epoca.*

Ora, na epoca actual, em que por toda a parte predominam os interesses individuaes, os calculos positivos e as vocações practicas, a poesia épica está quasi morta, e com ella a tragedia, a pintura historica, a estatuaria e a architectura. Não ha falta de talentos; ha falta de idéas, de sentimentos profundos, de uma arte missionaria.

O Brasil, que recebe do velho mundo o impulso civilizador, e que tem diante de si o nobre exemplo de sua illustre irmã, a America do Norte, mas cuja docilidade á tudo quanto traz a marca de importação é verdadeiramente singular, ainda não teve uma architectura propria; e este facto, se não é o symptoma de uma lastimavel esterilidade não combatida pelo estudo, é a expressão eloquente das opiniões reinantes, que só permitem se manifeste o architecto como *constructor*, e nunca como *creator*.

A confusão que de continuo identifica o architecto e o engenheiro, e a preferencia constante-

mente dada a este ultimo, a titulo de entidade mais necessaria, mais nobre, e por conseguinte mais digna de menção nas leis do paiz, é prova de que as necessidades estheticas ainda estão adormecidas sob a inebriante influencia da politica e do mercantilismo, as duas paixões mais vehementes dos povos infantis e ambiciosos. Apenas uma ou outra construcção, na qual o bom senso foi respeitado, a hygiene observada, e as harmonias geometricas menos violadas, ahi vai apparecendo, graças á feliz intuição dos raros profissionaes que merecem entre nós o nome de architectos.

Passemos á esculptura. Os povos embotados pelo materialismo, ou materializados por suas necessidades e usos, são em geral pouco sensiveis aos encantos das bellas-artes; mas o são muito mais quando as doutrinas acreditadas consolidam nelles os sentimentos confusos e mercenarios.

Menos practica do que a edificação quando despida dos encantos que a transformam em architectura, procede a esculptura de uma abstracção tão excelsa, e corresponde a fins tão monumentaes e grandiosos, que bem poucos podem aquilatar-lhe a belleza e a verdadeira importancia; e por consequencia bem poucos estão no caso de a proteger. Tal é a razão porque no Brasil é tão raro o seu estudo, que ainda é necessario pedirmos á inspiração estrangeira as poucas estatuas com que vamos pagando nossas dividas ao civismo e ao genio nacionaes. Permitti, entretanto, que eu vos lembre

que taes obras era bom que os poderes competentes fossem confiando ao talento dos artistas brasileiros, ao menos a titulo de protegel-os, animal-os, perpetuando ao mesmo tempo alguns especimens da nossa estatuaría contemporanea.

A' pintura cabe porventura melhor sorte, mas ainda está longe de realizar aquelle ideal que deve ser o sonho e o alvo dos pintores de uma nação victoriosa e florente. Aos E.^{mos} Senr.^s Visconde de Abaeté, e Conselheiros D.^{rs} Alfonso Celso, Jaguaribe, Duarte de Azevedo e João Alfredo Corrêa de Oliveira deve ella principalmente os seus ultimos progressos; e se tão illustrados varões continuarem a guardar os artistas sob o estandarte de sua esclarecida e generosa protecção, proporcionando-lhes recompensas de mais em mais concentaneas com os esforços necessarios á producção das grandes obras, não duvidarei prophetizar novos e refulgentes progressos.

Quanto póde a vontade de um homem illustrado nas sociedades convenientemente preparadas, demonstraram-no os pontifices em Roma, os Medicis em Florença, Luiz o Mouro em Milão, Frederico Gonzaga em Mantua, Luiz Carrache em Bolonha, Luiz XIV em Versalhes, e mais recentemente Frederico, plantando em Berlim e em Potsdam os gloriosos marcos das artes o das lettras, abrindo o exemplo aos outros soberanos allemães, e despertando o gosto, que em Frederico Guilherme corporificou-se na Athenas do Norte, e produzio as

maravilhas que surgiram do compasso de Schinkel, Klenze, Hitzig, e do esboçador de Schadow e Kauch; demonstrou-o finalmente o rei da Baviera fazendo da pequena cidade de Munich um dos maiores templos das bellas artes. Este ultimo, o rei Luiz I, promotor de tanta gloria em nação tão pequena pelo territorio e pelos recursos materiaes, ali está pintado na nova Pinacotheca, onde occupa, como Christo nas *bodas* de Paulo Veronez, o meio de um grande côro de artistas, que lhe entoam um hymno de gratidão perpetua.

Ninguem pense no Brasil que o ensino dado em uma cadeira de pintura, ou as doutrinas professadas em uma cadeira de esthetica sejam sufficientes para formarem uma eschola e desenvolverem o gosto geral. As Academias preparam, mas não produzem artistas, nem ateam a faisca sãgrada ao coração de quem carece de exemplos visiveis para comprehender e amar o bello. A Academia de S. Lucas, a de Florença e a de Bolonha, que serviram de modelo ás escholas officiaes modernas, foram creadas depois dos melhores dias da arte, e representam na historia a reacção do bom senso e do methodo contra a decadencia.

É nos trabalhos publicos e monumentaes, nas obras destinadas a commemorar os grandes feitos e perpetuar as tradições gloriosas de um povo, que se desenvolvem as artes, e não em torno das cathedras officiaes, que passam desapercibidas no meio dos factos da vida tumultuosa das grandes capitaes,

como os diamantes illapidados nas areias dos nossos grandes rios.

Eis, Senhores, alguns dos pontos essenciaes em que posso tocar na rapidez de um discurso. Eu repito que a arte brasileira ainda não foi creada, porque tão glorioso acontecimento está reservado para a geração que amar verdadeiramente o artista, e cooperar com elle nos commettimentos importantes, sem procurar pretextos para desamparal-o, como tantas vezes se faz.

Na verdade, não basta meia duzia de quadros e estatuas para caracterisar uma eschola, que é sempre o resultado de *uma tradição constante representada por uma serie de grandes mestres*. Reconhecereis a eschola nacional somente quando nas nossas galerias, nos nossos edificios e nas nossas exposições encontrardes *quadros, estatuas e outros artefactos de estylo diverso dos estylos das escholas estrangeiras, e tendo muitos pontos de contacto entre si e as faces caracteristicas da vida, das crenças, da poesia e do ideal da nossa patria*.

Deverei acrescentar que a critica brasileira vai-se tornando um obstaculo terrivel para as manifestações originaes; e o genio nacional, intimidado pela postura ameaçadora de uma imprensa mercenaria e corrupta, que cada dia dispõe de novos meios de embair a ignorancia, hade recuar talvez a hora suprema de ser julgado publicamente em toda a sua eloquente nudez.

Em materia de arte o verdadeiro juiz é o povo,

se a tanto o elevaram a illustração e o talento, e não o critico leviano e frivolo, que fulmina da imprensa as mais irrecusaveis manifestações do genio, e tartamudêa antes de responder a quem lhe pergunta: Quaes as proporções de uma cabeça.

Siga quem quizer semelhante systema de deprimir o invento humano, que eu seguirei sempre a eschola cujos preceitos estão de acordo com as velhas idéas da philosophia e com a integridade do verdadeiro saber.

E vós, Senhores Artistas, meus companheiros no aspero caminho do trabalho e do sacrificio; vós, que acabais de representar com tanta honra as bellas-artes na America do Sul, exhibindo os primores sahidos das vossas mãos, as creações do vosso engenho, não deixeis deprimir-se o nivel das vossas concepções, nem soffrear a vossa imaginação graciosa e viva; caminhai, e caminhai sempre em busca do bello e da verdade, não consentindo nunca que as maximas depressoras, as opiniões erroneas e as considerações egoisticas suppram a vossa intuição singela e o criterio da vossa consciencia no exercicio das artes de Ghiberti e Miguel-Angelo.

As rivalidades não baseadas na imparcialidade, a malevolencia e a inveja dos companheiros — que o proprio interesse da arte devêra manter unidos, — muitas vezes tem procurado radicar-se no conceito publico para derrocarem as reputações merecidas e honestas: continuai a demonstrar que o vosso coração — augusto sacrario da generosidade

e do amor civico — não serve de couto a essas paixões indignas de um artista!

De que serviram aos inimigos de Phidias as infamantes accusações de que fizeram carga ao grande esculptor, ou á Bramante, aos San-Gallistas e a Nanni a guerra atroz que moveram a Miguel-Angelo? Para obscurecerem a immensa superioridade de Raphael, os mesquinhos zoilos do pintor de Urbino oppozeram-lhe o colorista Sebastiano del Piombo, como a Ticiano já haviam em Veneza tentado oppor o velho Palma.... De que lhes serviu tudo isto? a impostura foi reconhecida pelos proprios contemporaneos, a cujos olhos pareceu avultar o genio com extraordinario brilho.

Quando Luiz Carrache, applicando os seus conhecimentos electricos, pintou o celebre quadro dos *tres estylos*, os partidarios de Caravaggio e os de Josephino ridiculisaram-no ao ponto de o desgostar amargamente. Que proveito tiraram? O merito reagiu, e foi dessa reacção que surgiu a sabia eschola bolonhesa, a qual não somente nullificou as pretensões de Josephino, como desacreditou para sempre o realismo no norte da Italia.

Quando Dominiquino pintou a Communhão de S. Jeronymo, que Nicolao Poussin reputa uma das tres maravilhas da pintura, os inimigos do grande artista fizeram-na gravar ao lado da de Annibal Carrache, seu mestre, acompanhada de sonetos e libellos que diziam ser copia desta ultima, cujo merito lhe era entretanto inferior.

Associado ao Grego Correnzio e ao Napolitano Carraciolo, formou Ribera em Napoles uma conspiração contra quem quer que naquella cidade podesse fazer-lhe sombra. Guido Reni, Gessi e o maneirista Josephino foram perseguidos pela sinistra associação, cujos membros não recuavam ante os tractos e o assassinato; e Dominiquino, o puro e Santo Dominiquino, depois de calumniado, processado, e de ver-se obrigado a preparar seus proprios alimentos, morreu envenenado pelos seus miseraveis rivaes, entre os quaes figurava seu antigo collega Lanfranco!

Toda a eschola realista creada por Caravaggio está pejada de factos desta ordem; e fôra facil demonstrar, com a historia na mão, que á concepção do realismo na arte correspondeu quasi sempre na moral um estado reprovavel da consciencia. E a ultima prova desta verdade vós a tendes bem eloquente nos fastos da communa pariziense, onde a intolerancia e o vandalismo erguidos contra os monumentos da litteratura e da arte, acharam tão ardente apostolo na pessoa do Sr. Courbet, chefe actual do realismo em França.

A historia modernissima das bellas artes offerece um sem numero de exemplos edificativos, dos quaes um dos mais curiosos e singulares foi, no começo deste seculo, a perseguição de Canova como charlatão pelo Sr. Rolland, mestre de Zeferino Ferrez, fallecido professor desta Academia.

Mas, que muito é isto para quem volve os olhos

aos annaes da sciencia — que devêram chamar-se a historia da verdade — e vê Copernico ridiculizado pelos astronomicos do seu tempo e do seu paiz; Galileo denunciado á Inquisição pelos academicos de Florença e de Roma; e Newton menoscabado por Huyghens, e accusado pelo grande Leibnitz de attentar contra as crenças anglicanas, desinvolvendo o materialismo e introduzindo a impiedade na physica, porque Newton acabava de revelar á humanidade a maior lei de quantas regem o mundo material!

Ainda não é tudo. Quem visita as catacumbas de S. Calixto, em Roma, encontra o testemunho de causa mais inopinada, e porventura atroz. O manso e divino Jesus, que recebera de João o baptismo symbolico, e mandava dar a Cesar o que era de Cesar, ali está pintado sob os traços de um pagão revolucionario com um barrete phrygio na cabeça!... Os inimigos do Christianismo, depois de esgotarem todos os meios de perseguição, inventaram que Christo, além de tudo, era republicano!

Oh Historia! vingadora eterna da justiça e da verdade, que accendeis o facho da immortalidade sobre a cabeça do merito e esmagais na testa dos truões a mascara da adulação e da calumnia, dignai-vos de receber as homenagens dos homens verdadeiros e leaes, que do fundo de suas consciencias vos entoam um cantico de immorredoura gratidão!

Sim, meus Senhores, a historia nos ensina que o verdadeiro genio é qual a verdadeira virtude: irradia-se pelo exemplo, sem arrogar-se o monopolio do merecimento; e quando é chamado a julgar o seu contemporaneo, procede com a imparcialidade de Donatello no Baptisterio de Florença, ou com a generosidade de Raphael perante as Virgens de Francesco Francia.

Activos e livres, não podemos todos nós imitar tão illustres modelos? No templo da gloria civica ha lugar para todos os que merecem, e os menos favorecidos de dotes d'alma ahi invocam o nosso respeito tão convencidos do seu direito como os genios e os heróes. Indulgentes perante nossas proprias producções, não sejamos severos em demasia para com os nossos emulos. Miguel-Angelo não hesitou em dar um valor muito superior ao que desejavam os inimigos de Raphael, quando foi chamado para avaliar as Sybillas e os Prophetas pintados em Santa Maria da Paz por aquelle seu grande rival; e a imparcialidade magnanima de Miguel-Angelo foi imitada nesta Academia pelo nosso saudoso collega Julio Le Chevrel, quando, por occasião do concurso da cadeira de desenho, em que entrou comigo, declarou que no seu conceito fôra completamente vencido.

Eis os exemplos que devemos de continuo observar, para continuarmos a merecer a estima publica, e sobretudo para assistirmos com dignidade ao grandioso espectaculo do aperfeiçoamento patrio,

de que nos offerecem irrecusaveis garantias os phenomenos sociaes contemporaneos.

Com effeito, meus Senhores, tudo nos augura um grande futuro! A magnitude do Imperio, a homogeneidade da sua população, a unidade da sua crença, a sensibilidade e o talento dos seus habitantes, as generosas harmonias das suas instituições, o abandono progressivo das idéas coloniaes, e as aspirações crescentes ao ideal da civilisação, são factos incontestaveis e palpaveis como o nosso progresso material.

Se o espirito do grande operario da Independencia vivificasse a sua estatua, e se aquelle bronze animado descesse do seu pedestal, grande seria o jubilo do seu coração ao comparar a época vertiginosa em que nos deixou, os fins do primeiro imperato, com o estado actual do seu querido Brasil.

José Bonifacio avaliaria os monumentos sahidos das mãos dos nossos legisladores, os triumphos da eloquencia parlamentar, não morta com seu irmão Antonio; o desenvolvimento da litteratura, representada por epopéas, por hymnos, romances, e pela historia em seus sublimes balbucios, em suas grandiosas esperanças! Elle veria o camartello e a trolha em suas refundições plasticas, abatendo a imagem da colonia e erguendo a do Imperio; elle se extasiaria diante dessas serpentes de ferro que se estendem pelos valles, sobem pelos montes, atravessam o granito, transpõem os rios, fazendo dos dias horas, ligando o sertão á cidade, e con-

vertendo o Imperio em um só paiz, um só povo, uma só familia, uma só voz, uma só vontade, um só ser, e um gigante, que avança a passos largos e firmes para as maiores conquistas da civilisação e da gloria.

Longe de mim os sectarios do optimismo, e do impossivel nas condições humanas: Senhores, o sol tem manchas, e o monarcha das luzes é o que sabeis na procreação harmonica e incessante da natureza.

Senhor! Vossa Magestade, a Quem o Ex^{mo} Sr. director e mais membros desta Academia agradecemos do fundo d'alma a honra que nos outorga, vindo todos os annos premiar com Suas Augustas Mãos aquelles de entre os artistas que mais se distinguiram, viu e admirou as maiores paginas do genio humano accumuladas durante muitos seculos; bem mesquinhos, por consequencia, devemos parecer a Vossa Magestade nós, que apenas soletramos as primeiras syllabas do immenso vocabulario da perfeição. Em muitas porém dessas obras incomparaveis repousaram os meus olhos, como os de Cesar, Carlos Magno, Frederico, Napoleão, e Vossa Magestade; e hoje, Senhor, quando eu considero a vontade incessante, as fortunas colossaes, e em geral a grandeza dos esforços e sacrificios empregados para a realisação de tão grandiosas maravilhas, uma convicção me consola, e vem a ser, que ao menos tanto quanto os seus immortaes auctores fariamos nós Brasileiros, se um systêma

de protecção incessante fosse inaugurado pelos diversos poderes publicos e consolidado por uma progressão continua e longa, no intuito de proteger o artista e desenvolver nelle o amor do trabalho.

Infelizmente, Senhor, ha ahi um obstaculo de permeio, gerado por aquelles que abusam da palavra para falsearem os factos, fazendo com que a verdade não transite pura e livre entre os homens, e apresentando-lhes com o aspecto da ingratião a honesta integridade do procedimento e de carácter daquelles que, para tributarem reconhecimento, não julgam necessario offerecer a dignidade humana em holocausto ao charlatanismo, nem queimar o incenso destinado ao culto do ideal nas forjas polluidas e torpes dos inimigos de tudo quanto é grande, justo e bello!



DISCOURS

PRONONCÉ LE 12 SEPTEMBRE 1875

À LA PRÉSENCE

DE S. A. R. LE PRINCE DE CARIGNANO

représentant S. M. le Roi d'Italie

pendant les solennités

du

CENTENAIRE DE MICHEL-ANGE

(Publié dans les journaux par ordre du Gouvernement Italien)

MESSIEURS!

Toutes les fois que les temples du beau ouvrent leurs portes au public, c'est pour lui annoncer de nouvelles conquêtes de l'intelligence; toutes les fois que le public accourt aux spectacles des arts il porte avec lui la conviction d'y rencontrer de nouvelles jouissances pour l'âme, fatiguée des luttes, le plus souvent infructueuses, de la vie matérielle et positive. C'est que les sociétés reconnaissent en leurs grands artistes les vrais prophètes de la civilisation, les ministres de la concorde, lesquels ne montent sur l'autel du sacrifice que pour y brûler l'incens de l'immortalité, et ceindre au front des siècles les lauriers des victoires remportées dans les batailles du progrès.

Il y a trois siècles, l'Italie, alors divisée en une quantité indéfinie d'états et de factions, exprimait par les chefs d'œuvres de ses artistes son instinctive aspiration vers l'unité nationale, et son indépendance au milieu des nations, pour la plupart puissantes, qui la contemplaient avec convoitise. Ses forces militaires étaient alors peu considérables

par suite de ses divisions mêmes ; mais sa splendeur était telle, que les armées envahissantes avançaient respectueuses, et retournaient dans leurs foyers plutôt charmées et conquises par les prodiges que l'art avait répandu dans leur passage. Et comment haïr, comment ne pas aimer ce que l'on admire ? Les souverains eux-mêmes qui l'avaient parcourue en triomphateurs, sentaient, une fois chez eux, qu'il leur manquait quelque chose de ce qu'ils avaient trouvé en Italie ; que la possession de la gloire était incomplète, s'il se voyaient privés des jouissances ineffables du beau qui les avaient éblouis en cette terre généreuse. Alors, pour se consoler, pour satisfaire leurs aspirations de bonheur, ils ont appelé des artistes italiens, et leur ont demandé des chefs d'œuvres. Voilà comment la *Renaissance* italienne se répandit en Europe, comme plus tard l'esprit de la *Révolution* française se répandit dans le monde.

Et comme les sociétés américaines ont reçu ces traditions glorieuses, l'on peut dire que le nom italien jouit du respect et de la sympathie universelles ; que l'unité italienne affirmée dans l'art, avait partout produit la conviction que tôt ou tard elle devait s'affirmer en politique ; car nul germe ne meurt quand il contient en lui-même le principe de sa vitalité et de ses éternelles transformations.

Or, de toutes les cités italiennes, la belle et généreuse Florence fut celle qui exerça la plus haute

influence sur cette pensée à la fois esthétique et politique, dont la réalisation s'accomplit enfin comme une grandiose prophétie, que plus de trois siècles attendaient avec une extrême anxiété.

Il est donc bien naturel, Messieurs, que toutes les nations du monde civilisé s'unissent aujourd'hui à cette nation d'artistes et de poètes ; à cette heroïque et hospitalière Florence en particulier, pour rendre un hommage solennel à l'homme qui fut en même temps, comme s'il eût été plus que quelques générations entières, grand artiste, grand citoyen et un des plus grands représentants de la vertu humaine.

Aux pieds du David, agrandi par le génie de Michel-Ange, comme cette nouvelle Athènes par l'esprit de ses poètes et de ses héros, je suis venu au nom de l'Académie Impériale des Beaux Arts de Rio Janeiro saluer la nouvelle Italie, une et heureuse, et exprimer notre reconnaissance envers l'immortel ouvrier de la liberté et de la civilisation moderne!





DISCORSO

PRONUNZIATO IL 12 SETTEMBRE 1875

ALLA PRESENZA

DELLE

AUTORITÀ ITALIANE E DEI RAPPRESENTANTI STRANIERI

riuniti intorno

al

MAUSOLEO DI MICHELANGIOLO BUONARROTI



SIGNORI!

Perdonate se in una lingua a me straniera ardisco fare omaggio a questo spirito superiore, che passò su questa terra fra lo splendore raggianti dell'arte e il sacrificio perpetuo della sua vita. Come rappresentante dell'arte americana, io non potevo tacere in questo momento solenne, in cui non soltanto l'Italia ma il mondo incivilito deve manifestare la sua eterna gratitudine a quell'immortale artefice dell'indipendenza intellettuale, sopra la quale è stato inalzato il grandioso edificio della libertà moderna.

Sì, o signori: il vero rappresentante di Firenze intellettuale, l'eroe del sedicesimo secolo, è Michelangiolo. Questo Titano del pensiero, vero gigante col quale nessun italiano, salvo il Dante, può essere messo a paragone, aveva trovato la sua forza in un concorso di circostanze assai notevoli. Nato presso Arezzo, città di giudici nella quale andavano a cercare i podestà per le altre città, egli ebbe un giudice per padre, e per antichi parenti i conti di Canossa, della famiglia degli Im-

peratori che fondarono a Bologna, contro la volontà dei Papi, la scuola del Diritto romano.

Non è dunque da meravigliare se Michelangiolo ebbe scolpito nell'anima il sentimento della giustizia, e se l'opera sua sia stata, nel suo secolo, il più gran codice dei diritti dell'uomo. Non portando la spada, in quell'epoca di danaro, il grande artista, il cui nome è quello dell'Angelo della Giustizia, prese lo scalpello per incidere nel marmo, che doveva restare alla posterità, la censura del suo tempo, censura molto più durevole che non fu quella della spada di Brancaleone, poichè tale e quale attraversò i secoli non essendo compresa da quelli stessi che essa colpiva.

La vita di Michelangiolo, vita lunga di quasi un secolo, fu un vero combattimento, una lotta continua contro le tradizioni del passato e i secoli precedenti. Nobile e povero, Michelangiolo fu educato da gente potente ed arricchita, dai Medici, con futuri Pontefici. Nato per amare e per essere amato, questo gran cuore rimase solo per tutta la vita, non potendo intendersi ché col suo marmo, di cui egli trasformò l'immobilità in movimento, la freddezza in fuoco. Anima profondamente repubblicana, egli servì parecchi sovrani in tempi di dispotismo; carattere impetuoso e rivoluzionario vagheggiò la possibilità di una riforma morale coltivando le arti della pace. Figlia dello stoicismo di Brunellesco, quest'anima retta ed austera, costantemente attaccata al dovere, non era di quella

rocca nella quale Zenone scolpì il suo ideale ; era però un' anima potentemente italiana, superiore al suo tempo, che andò sempre perfezionandosi nella contemplazione di quell'alto ideale che nessun secolo fino allora aveva compreso. Alle volte in essa si risente Zenone e Platone, Fidia e Atenodoro ; ma sovraneamente creatore e fecondo egli volle passare quasi dieci anni innanzi ai cadaveri, disseccando, studiando e analizzando il corpo umano, per insegnare a noi, col suo esempio, che le creazioni nella scienza e nell'arte non sono durevoli se non si fondano sull'osservazione scrupolosa della natura, osservazione che dev' essere lunga e paziente, anche quando l'artista sia un Michelangiolo.

Quando gli occhi del gran maestro si chiusero, e il suo sguardo si rivolse verso la posterità che doveva comprenderlo, due città si disputarono la gloria di possedere il suo corpo, il suo corpo soltanto, perchè la sua anima, come quella d'Omero, apparteneva all'umanità.

La vita di Michelangiolo è troppo grande e troppo piena di fatti importanti, perchè la si possa riassumere in poche parole, che certamente sarebbero indegne di lui. Mi contento dunque di rammentare la sua opera gigantesca, opera immortale di diritto e di rivelazione, opera di luce e in niun modo teologica, in cui questo grand'uomo fu la coscienza dell'Italia e il giudice del suo secolo. Giammai una mano d'uomo farà con uno scalpello un più profondo solco fra due secoli che si seguono,

opporrà un ostacolo altrettanto insormontabile alla continuità dei tempi! I Profeti che egli ha sospeso alla volta della Cappella Sistina non sono i pallidi fantasmi di un passato disseppellito; essi sono l'immagine vivente dell'avvenire, portando nelle loro mani non il libro delle Sibille, ma il destino dei popoli. Ora comprendo perchè, vedendoli, il Papa mormorò: « Non vi è nessun oro in tutto questo! » e perchè Michelangiolo, coll'abituale suo sorriso amaro e ironico ad un tempo rispose: « Santo Padre! le genti che sono là in alto, non erano ricchi, ma santi personaggi che non portavano oro e facevano poco caso dei beni di questo mondo. »

Quando la sua immaginazione si fu stancata, forse in uno di quei giorni in cui il gran maestro volle morire, e che essa creò la sua opera più triste, quella pesante cariatide posta sotto Geremia, fece ancora un capolavoro. Bassa, tarchiata e grossa, la povera schiava non ha potuto crescere sotto al peso che dalla nascita le ha sempre piegato il collo e schiacciato la fronte. Essa non ha potuto svilupparsi, ma però non è rimasta sterile, come ha detto un autore moderno (1), affinchè la numerosa posterità, per molto tempo ancora dopo Michelangiolo, potesse maledire la mostruosa ingiustizia che egli non poteva stigmatizzare altrimenti che col suo linguaggio enigmatico. Questa

(1) Michelet.

donna, essere informe e ributtante, porta in sè stessa il segno potente di prodigiosa fecondità. Lo schiavo, sfortunatamente, è fecondo: il mostro si accoppierà ancora per più di tre secoli; esso coprirà la terra de'suoi figli schiavi, per far ridere gli atei, e obbligarli a domandare continuamente: « Dov' è, dunque, la Provvidenza? »

▪ Lottando contro il suo secolo, che egli privò del diritto di ereditare dai secoli anteriori, Michelangelo, carattere profondo e virile, aveva ristabilito fra i moderni l'antica libertà degli artisti greci, i quali, come Fidia, andavano fino a modificare le forme simboliche che una lunga serie di tradizioni aveva assegnate alle divinità. Ma il maestro dell'arte italiana non si è limitato alla libertà del pensiero: egli ha ristabilito l'uomo in tutta la verità della sua nudità primitiva, divenuta allora il simbolo della miseria e della vergogna. Ben più ancora: egli non solamente l'ha ristabilita, ma l'ha divinizzata questa nudità corporale, collocandola arditamente sopra l'altare, là dove si dovranno celebrare le più gravi e più austere solennità del dramma religioso. Così, collo stesso colpo, egli aveva schiacciata l'intolleranza e la tradizione, queste due catene dell'umanità, opponendo all'autorità l'uomo, alla tirannia la libertà.

Ecco perchè, o Signori, io vi dicevo che questa nobile esistenza è stata tutta insieme un sacrificio perpetuo e uno splendore raggianti di sè stesso; ecco perchè non è possibile parlare dell'artista,

senza ricordare il gran cittadino di questa ospitale Firenze.

Ma bisogna che io finisca, perchè questa cerimonia solenne non deve essere interrotta dalle mie deboli parole.

Dall'alto della tua immortalità, o Michelangiolo, degnati accogliere con benevolenza questa imperfetta espressione d'ammirazione che, per mezzo mio, t'inviano gli uomini superiori ed in specie gli artisti brasiliani, i quali, dal fondo dell'anima loro, nel medesimo tempo t'indirizzano un inno solenne di gratitudine e di gloria!

DISCURSO SOBRE O PLAGIO

proferido a 25 de Junho de 1880

em Lyão

PERANTE A ASSOCIAÇÃO DOS DRAMATURGOS

(Traduzido)

SENHORES !

Antes de definir o que entendo por *plagio*, quer nas lettras, quer nas bellas artes, seja-me permitido vos fazer observar quanto, sob pretextos mais ou menos disfarçados, se tem ultimamente abusado deste termo, tão claro em apparencia, e entretanto singularmente obscuro quando é examinado com a necessaria attenção.

A mais succinta analyse das occasiões e circumstancias historicas, em que a critica crera poder applical-o, bastaria para nos convencer assim da difficuldade da sua applicação como da ignorancia, senão da deslealdade, dos escriptores que delle se servem para fulminar o reconhecido merito de uma obra cuja originalidade pretendem negar.

Com effeito, a historia dos melhores fructos de qualquer litteratura ou de qualquer eschola artistica nos ensina, que o producto mais constante do espirito humano, longe de ser o invento, no sentido absoluto desta palavra, é, ao contrario, o aperfeiçoamento do assumpto, o desenvolvimento dos meios de expressão, a transformação mais ou menos profunda da idéa ou da fórma inicial, a qual de simples, que

era em sua origem, tornou-se ornada, elegante, rica, magestosa, revestindo successivamente as exterioridades mais diversas e mais consentaneas ao gosto das epochas que atravessou, até se achar completamente esgotada.

O *Orlando furioso*, por exemplo, um dos mais complexos poemas italianos depois da *Divina Comedia*, é a um tempo a condensação e a idealisação poetica dos pensamentos derramados pelos bardos e trovadores francezes, dos annos 1000 a 1200, nas suas barbaras canções, em cujas estancias se enquadravam mais antigas legendas de origem oriental.

Trazidos para a França pelos Cruzados, os singelos pensamentos que originaram aquellas grosseiras composições tomaram uma fórmula nas *balatas* relativas ao rei Arthus, outra nos *Romances da mesa redonda*, entre os quaes avulta a antiga, maravilhosa e prolixa *Canção de Orlando*, que, com o *Orlando enamorado* do poeta Boiardo, mais particularmente despertou o genio de Ariosto.

De modo que, da vaga e indelineavel phantasia do Oriente sahiu, em ultima analyse, a vasta composição italiana depois de uma longa elaboração historica, em que, como na embryogenica, foi o confuso ideal da idade media successivamente passando pelos estados transitorios de um ser destinado á vida plena, até exhaurir todas as fórmulas que a imaginação podia attribuir ao legendario cavalleiro.

O poema de Ariosto não terá, provavelmente, successor de assumpto identico, porque o pensamento original esgotou-se na sua expressão definitiva; e não haverão esforços, nem artificios, nem atavios litterarios capazes de dar vida ao que morreu magnificado em tão gloriosa apotheose.

Mas não é somente na litteratura italiana, que essa anthese fulgurante de um pensamento antigo nas creações de um homem de genio se tem manifestado com a mesma evidencia: um estudo comparado das obras principaes da litteratura franceza, isto é, daquella que mais influencia tem exercido sobre as sociedades modernas, conduz á conclusão, que seus illustres representantes nunca hesitaram em adoptar pensamentos alheios, quer de antecessores, quer de contemporaneos, para modificál-os, revestil-os de novos aspectos, e imprimir-lhes o cunho da propria originalidade.

Molière, por exemplo, acha o esboço do *Medico á força* no *Vilain mire* de Durand, poemeto alegre e singelamente ironico contra os homens obrigados a sustentar uma carga demasiado pesada, que lhes foi imposta pelas exigencias sociaes.

A comedia de Terencio intitulada *Os Irmãos*, que já era uma imitação dos *Adelphos* de Menandro, tambem lhe poz diante do espirito o assumpto da sua *Eschola dos Maridos*, que elle desenvolveu magistralmente.

O mesmo auctor, na primeira scena da *Eschola das mulheres* põe em verso, quasi com as iden-

ticas palavras, as expressões que Rabelais attribue a Pantagrueu em resposta a um dos mais engraçados discursos de Panurge; e acha em um romance no qual já La Fontaine havia imitado Apuleu o assumpto de quasi toda a *Psyché*, peça em que teve por collaboradores dois grandes contemporaneos, Cornelio e Quinault.

Ora, se o procedimento de Molière se pudesse qualificar de reprovavel, fôra necessario accusar ao mesmo tempo a elle, La Fontaine, Quinault e Cornelio.

Do mesmo modo nas *Fourberies de Scapin* o celebre comediographo transformou e completou o *Pédant joué*, do seu antigo condiscipulo Cyrano de Bergerac; tão certo estava de poder modificar vantajosamente as intenções litterarias do infeliz collega, em cujas obras não duvidaram beber inspirações outros notabilissimos auctores, como Fontenelle nos seus *Mundos*, Voltaire no *Micromegas*, e Swift nas *Viajens de Gulliver*.

Com as *Précieuses ridicules*, que compozera em quanto moço, fez Molière o mesmo que havia feito com o *Pédant joué*, repolindo e engrandecendo o seu primeiro ensaio até o transformar nas *Femmes savantes*, em que o assumpto adquire as maiores proporções de que era susceptivel. Prova evidente da consciencia que elle tinha da sua crescente superioridade, junta á certeza de poder sempre ajuntar novas bellezas ao objecto que contemplava como poeta.

Dante não fez cousa mui diversa apoderando-se de innumerous pensamentos de auctores antigos para manifestar os que lhes eram peculiares, e transformando, e ampliando successivamente a idéa fundamental da *Vita nuova*, poema da sua adolescencia, para compor o *Convito*, e mais tarde a longa, complexa e profunda *Divina Comedia*, que fixou o ideal dos fins da idade media e fundou a lingua moderna italiana.

Tanto não julgava Molière que fosse illicito aos grandes poetas exercerem o proprio talento em um sujeito já explorado, e mesmo pedirem inspiração á fórma com que o acham revestido, que não duvidou propor a Racine para pôr em scena

Ces deux frères de qui la guerre
Ne cessa point dans le tombeau;

versos tirados de uma ode de Malherbe a Maria de Medicis. Ora, foi desenvolvendo na sua *Thebaide* esse terrivel assumpto, em que Euripides já havia achado materia para uma obra primorosa, as *Phenicias*, e Seneca um magnifico estudo de rhetorica, que Racine estreiou, em 1664.

Não são estas as unicas provas da desprevenção e do talento com que Molière se apoderava de um thema já tratado, para fazer delle uma obra nova sem comtudo tolher-lhe os traços caracteristicos. Foi assim que elle fez com a *Aulularia* de Plauto, de que tirou o *Avarento*, peça litteraria completamente conforme á indole do poeta francez, e entretanto de tal semelhança comparada ao texto latino,

que, em certos pontos, passaria por uma simples paraphrase deste, se não lhe fosse sempre muito preferível como desenvolvimento de acção scenica, e como obra de concatenação logica.

Foi ainda assim que elle transformou o conto ridiculo do *Festin de Pierre*, que sob diversas fórmas sem alcance litterario corria então os theatros de Pariz, em uma das suas mais bellas producções, pela transfiguração e aformoseamento do assumpto, e principalmente pela creação do papel de Dom João, admiravel esboço da libertinagem e da impiedade, que só o proprio Molière ultrapassou depois em uma obra immorredoura.

Emfim, o celebre *Faux semblant*, de João de Meung, no qual este auctor estygmatisa a hypocrisia coberta com a capa da religião, engendrou a *Macette* de Regnier, da qual sahiu o inimitavel *Tartufo*, como o fructo sahe da terra fecundada pelo genio do agricultor.

Se, pois, o facto da semelhança ou mesmo da identidade parcial de duas ou mais obras diversas constituísse prova de plagio, nenhum auctor mereceria mais do que Molière a imputação dessa especie de delicto litterario, de que hoje se faz carga a um dos maiores dramaturgos contemporaneos, Victoriano Sardou.

Mas, como accidentalmente tivemos occasião de ver, o immortal auctor e actor do XVI seculo está longe de representar uma excepção na historia das lettras. E se continuarmos o nosso exame evocandô

ao acaso as mais selectas producções de qualquer litteratura ou de qualquer escholá nacional, a demonstração do que queremos estabelecer se torna cada vez mais clara.

Entre o *Decamerone* de Boccaccio, e as *Cent nouvelles nouvelles*, compiladas e aperfeiçoadas por Antonio de la Sale, ha muitos pontos de contacto, bem que as maravilhosas narrativas do novelleiro de Florença lhes sejam incomparavelmente superiores.

O conde de Tressan reverdeceu no XVIII seculo a obra de Antonio de la Sale, afeiçoando-a ao gosto dos novos leitores e dando-lhe o aspecto de uma creação muito diversa da primeira.

Na arte do apologo Marot precedeu a La Fontaine escrevendo a fabula do *Rato e o Leão*, isto é, uma das melhores fabulas que ha. Aquelle auctor pertence ao Renascimento pela imitação original de Marcial, a quem excedeu, e a Catullio, a quem igualou, sem por isso deixar de ser Gaulez quanto ao espirito e aos meios particulares de exprimir idéas rapidas e fugitivas.

Roberto Garnier tira da Biblia o objecto da sua *Judia*, e imita livremente a Ariosto na tragicomedia *Bradamante*.

Mathurin Regnier descreve, depois de Horacio e antes de Boileau, um banquete ridiculo, no qual introduz um pedante cujo modelo lhe foi fornecido pelo Italiano Caporali. Colocado entre os dous mestres, não lhes é entretanto inferior.

Escrevendo a *Arte poetica*, não se limitou Boileau a imitar o grande modelo latino Horacio e o italiano Vida, mas ainda apropriou-se de muitas passagens da obra de igual titulo do poeta La Fresnaye, que era muito inferior a ambos. Reformador e critico severo, não hesitou illustrar no *Lutrin* mais de um pensamento notavel da *Pucelle*, epopéa nacional de Chapelain, contra quem elle lança os mais picantes epigrammas. Finalmente, pintando o retrato litterario de Saint-Amand, segue na sua primeira satyra os lineamentos do Codrus de Juvenal.

Herberay des Essars extrahe do hespanhol *l'Horloge des princes*, fazendo da obra do poeta Guevara uma curiosa paraphrase de que tirou La Fontaine o seu admiravel *Paysan du Danube*.

Malherbe, o grande reformador da poesia franceza, nas suas *Larmes de saint Pierre* imita a Transillo, do qual toma os inexperados repentes, e as imagens hyperbolicas, naquella epoca tão caras aos Italianos.

Cornelio funda a tragedia em França escrevendo o *Cid*, que, como sabe-se, é uma apropriação da peça homonyma de Guillen de Castro. Do mesmo modo o *Menteur*, que inaugura a comedia de character, procede de origem semelhante, tão evidente e positiva como o *Dom Sancho*.

Como Molière, Cornelio apodera-se e transfunde nas suas composições pensamentos esparsos no *Pyrame et Thisbe* de Théophile, no *Scevola* de du

Ryer, e nos ensaios comicos e tragicos de Rotrou, obras de tres poetas inferiores a ambos.

Pela incomparavel superioridade dessas singulares adaptações, foram os precusores de tão illustres auctores lançados para a sombra, fazendo ao lado delles o effeito de astros secundarios ao lado do sol, ou de simples arrebóes absorvidos na luz do dia.

Apezar do notavel espirito que o distingue como escriptor, Escarron estaria hoje esquecido se não houvesse composto o excellente *Roman comique* e as *Novelles*, obras inspiradas de Cervantes.

Racine, em 1674, inspira-se de Homero e Euripides na sua *Iphigenia em Aulide*, na qual presta sentimentos christãos ás personagens que põe em scena, dando-lhes por isso uma physionomia que não tinham na linguagem antiga. «É o sol da Grecia, dizem os Francezes, suavizado pelos raios do Christianismo.»

A *Phedra*, do mesmo perfectissimo auctor, é ainda uma adaptação do pensamento de Euripides. Como porém o poeta francez remove o interesse dramatico, que o grego havia concentrado na figura de Hippolyto, para fazel-o recahir sobre Phedra, acha-se o thema profundamente alterado; a ponto de permittir se dêsse ao soffrimento e aos transportes da paixão um aspecto até então nunca visto no palco. Voltaire não conhecia criação dramatica que se podesse comparar ao papel da Phedra quanto á profundeza, á eloquencia e ao pathetico.



Publicando as suas celebres *Fabulas*, deu-lhes La Fontaine o modesto titulo de *Versão rimada das fabulas de Esopo*. Como porém a simplicidade do original acha-se na singular traducção substituída por qualidades estranhas á imaginação do antigo narrador, julgaram logo os criticos francezes que La Fontaine não era, como Esopo, e mesmo Phedro e Abstemius, um simples moralista *sui generis*, porém um verdadeiro poeta dramatico, digno do grande nome de que ainda goza.

E tanto elle sabia da differença que o separava de taes modelos, que, a proposito de uma discussão litteraria sobre os *antigos* comparados aos *modernos*, não duvidou repetir, em uma carta do sabio Huet, ampliando-lhes o sentido, os celebres versos de Horacio relativos aos imitadores servís :

O imitatores, servum pecus, ut mihi sæpe
Bilem, sæpe jocum vestri movere tumultus!
(Liv. I, ep. XIX, 19).

Quelques imitateurs, sot bétail, je l'avoue,
Suivent en vrais moutons le pasteur de Mantoue.
J'en use d'autre sorte....
Je ne prends que l'idée....; etc.

« A gloria de La Fontaine, dizem os Francezes, está nas suas fabulas. A fabula, como elle a transformou, é uma das mais formosas creações do espirito humano. »

No discurso do *Campones do Danubio* (liv. XI, 7) muitos versos recordam a tribuna grega. Tal é o verso do começo :

Je supplie avant tout les dieux de m'assister;

evidentemente inspirado do exordio do discurso de Demosthenes sobre a corôa, no qual exclama o orador atheniense:

Antes de tudo eu supplico os deuses e as deusas....

Mas continuemos. *A Mérope*, de Voltaire, foi em parte tirada da *Amasis*, obra fraca de um fraco poeta, La Grange Chancel. Como porém é uma producção ornada, profunda, harmonica, e, por consequencia, muito superior a esta ultima, deita-a para a sombra, e até traz ao espirito as grandes tragedias gregas. *A Mérope* é a *Athalia* de Voltaire, isto é, a sua melhor peça.

É na *Zaira* que, no entender dos seus compatriotas, Voltaire se revela original. Entretanto o germen da *Zaira* está no *Othello*, bem que o enredo da peça franceza diffira essencialmente do enredo da ingleza. É ahi que se vê a differença entre o *plagio* e a *inspiração*. Voltaire desenvolve o thema dramatico do auctor inglez ligando-o a um grande factio historico nacional: as Cruzadas; e faz derivarem as peripecias do seu drama do conflicto de duas religiões.

Depois da *Zaira* escreveu Voltaire a *Morte de Cesar*, outra brilhante adumeração de Shakspeare, se é que ainda este nome se pôde applicar ao indefinivel processo intellectual, pelo qual um grande espirito se transfunde em um thema chronologicamente anterior.

O mesmo fez elle com o actualmente quasi des-

conhecido poeta La Chaussée, cujos tímidos ensaios não duvidou illustrar no *Enfant prodigue* e no *Nanine*.

Lefranc de Pompignan conquista o theatro com sua *Dido*, livremente inspirada de Virgilio e Metastasio.

Lemierre, auctor de diversas importantes tragedias, consulta amiudadamente no poema sobre a *Pintura* uma obra congenere em latim, do padre Marsy, e nos *Fastos*, em 16 cantos, o grande Ovidio.

Montesquieu, nas *Lettres persanes*, desenvolve victoriosamente o assumpto de um dos capitulos dos *Amusements comiques* de Dufresnoy.

Beaumarchais renovou no *Figaro*, com as cores de seu tempo, um personagem mais antigo, o Panurge de Rabelais. Como Panurge representa Figaro a superioridade da intelligencia em uma condição infima. Um e outro evidenciam os conflictos da sociedade com a natureza; ambos são revolucionarios, com a differença que o primeiro, Panurge, não póde sel-o com a franqueza de Figaro, que já conta com o applauso de um publico mais illustrado. Figaro, porém, não é uma imitação, e ainda menos um *plagio* de Panurge: é o mesmo personagem, se é possível, resuscitando quasi tres seculos depois no espirito de um homem superior, que o orna, completa, e offerece-o assim transformado á contemplação da sociedade.

Panurge, Figaro, Barbeiro de Sevilha, eis diversas encarnações de uma concepção quasi unica, de

que achamos o primeiro exemplo na *Mandragola* de Macchiavello, em que Siro e Callimaco, personificação dupla e summaria da intelligencia e da astucia humana triumphantes, ainda não tem a feição politica que a torna tão brilhante na sua ultima expressão scenica.

O desenvolvimento de uma mesma idéa através dos seculos, ou a evolução historica do pensamento humano e a continua progressão dos meios de o exprimir são, pois, a lei á que se devem attribuir esses transcendentos phenomenos de assimilação esthetica de que acabamos de recordar tantos exemplos, e que tão leviamente se vai hoje confundindo com os furtos e emprestimos de individuos sem merito em prejuizo dos homens superiores.

Longe de ser um facto peculiar ás letras francezas, abraça essa lei todas as litteraturas, e, se póde dizer, todos os productos da imaginação humana.

Foi assim, com effeito, que de officina em officina e de escopro em escopro, formaram-se os admiraveis typos da arte grega, que serviram de exemplo aos Romanos e a todos os povos cultos posteriores á antiguidade. Foi assim que os mesmos pensamentos religiosos, politicos, philosophicos, passaram como um legado intellectual de mestre a discipulo, de cidade a cidade e de seculo a seculo, para produzirem essas obras primorosas que nas letras, na esculptura, na architectura e até nos artefactos da industria de todos os tempos se podem classificar em grupos, ou escholas perfei-

tamente caracterisadas, tal é a semelhança que ostentam entre si, e por consequencia a unidade da concepção que presidiu ao seu fabrico.

A que, pois, monta o aleive de plagiario, que com tamanha facilidade hoje se assaca a quem quer que se eleve acima da mediocridade? Se por plagiato se entende a imitação inconsciente, ou as coincidencias accidentaes do pensamento, ou a identidade original do assumpto, ou finalmente as casuaes reminiscencias que inevitavelmente se encarnam nos grandes productos da intelligencia, qual é o auctor, por mais illustre que seja, que não incorreu no involuntario delicto de plagiario? O progresso da sciencia não é mais do que a continuidade e a expansão da idéa através dos tempos.

Nella, como na arte, o maior prazer dos Zoiolos foi o verem despidos dos esplendores da originalidade os homens cuja estatura os assombrava. Para elles Copernico plagiou a Aristarco, já flagellado na antiguidade por Cleanto, e Galileo a Copernico pela opinião publica estribada no *incontestavel depoimento dos sentidos*, como dizia Tycho-Brahé.

Emquanto Galileo não passou de plagiario, condemnava-o a opinião geral como ridiculo; quando porém nos seus *Dialogos sobre o Systema do Mundo* declarou que era sua a opinião de Copernico, condemnou-o como herege o Santo Officio por instigação dos officiaes do mesmo officio do grande homem: os seus collegas de Florença e de Pisa. Talvez nada

lhe acontecesse se elle tivesse aceitado o conselho de outro illuminado espirito do seu tempo, Kepler, de se retirar para a Allemanha.

Do mesmo modo Newton plagiou a Huyghens, Kepler, Halley, Uren, Hooke, Descartes e Borelli, cujos trabalhos encerravam virtualmente a grande *lei da gravitação universal*, que no entanto nenhum senão elle desvendou.

Mas se da historia da sciencia passarmos á da arte, encontraremos logo os maiores mestres a se plagiarem reciprocamente para attingirem a perfeição que buscavam. Assim, por exemplo, Orgagna e Brunellesco plagiando aos antigos Romanos para lançarem as bases do grandioso edificio do Renascimento, Bramante plagiando aos architectos orientaes para planejar o maior dos templos da christandade, Raphael plagiando a Masaccio, este a Gaddi, Perugino a Ghirlandajo, Ribera a Caravaggio, Poussin aos Gregos, Luiz David aos Romanos, e os Carraccios a todos os grandes mestres que os precederam.

Nas Camaras do Vaticano encontram-se figuras de Raphael que, no todo, reproduzem outras com que Masaccio decorou a igreja e o claustro do Carmo em Florença. Por qual razão nenhum critico viu nisso um furto, um mero plagio? Porque a pintura do chefe da eschola romana é mais sabia e mais expressiva, completando pela evidencia do desenho e do clar'escuro a intenção revelada nas bonitas composições do illustre precursor.

Tambem o *Propheta Isaias* da igreja de Santo Agostinho, e as *Sibyllas* de Santa Maria da Paz, em Roma, reproduzem pelo estylo a maneira de Miguel-Angelo, ao passo que della se afastam pela correcção do desenho, por um excelso sentimento da belleza, e pela grande harmonia das proporções, qualidades accidentaes no solitario Florentino.

Entre o *Juizo final* deste ultimo e a vasta composição de Correggio, em São João de Parma, ha tantos pontos de contacto, que a primeira dessas concepções parece imitação da segunda, na qual pela primeira vez se patentêa plenamente a sciencia do escorço e a ousadia dos grupamentos. Mas porque não passa Miguel-Angelo por ter plagiado ao mestre Lombardo? Porque a expressão esthetica de ambos é diversa; e ao passo que os attributos particulares de Correggio são a harmonia e a suavidade, os de Miguel-Angelo são a expressão phisica do desenho e a potencia exclusiva da imaginação.

A pintura do juizo ultimo estava então em voga: Luca Signorelli já o havia representado em Orvieto, tão magistralmente quanto era possivel no seu tempo; e o a-fresco do mestre cortonense suggeriu ao florentino a idéa de algumas das suas grandiosas figuras. Não se limitou porém este a copial-as, calcal-as chata e pacatamente; pelo contrario: corrigiu-lhes os lineamentos, completou-lhes a expressão, definiu aquillo que nellas se revelava como tendencia, e alterou-lhes completamente o

valor artistico, reduzindo-as ao estylo particular que se attribue exclusivamente ao pintor da Cappella Sixtina, não obstante existirem exemplos anteriores do mesmo estylo, especialmente nos curiosos desenhos de Pollajuolo.

Ainda não é tudo. Quando Domenichino expoz a *Communhão de São Jeronymo*, que Nicolau Poussin reputa uma das tres maravilhas da pintura, os inimigos do grande artista fizeram-na gravar ao lado da mesma composição de Annibal Carracci, seu mestre, acompanhada de sonetos e libellos que diziam ser copia desta ultima, cujo merito lhe era entretanto inferior. Por qual razão não confirmou a critica o infamante juizo, e, ao contrario, condemna semelhante maneira de julgar como denunciadora de intenções diametralmente oppostas ao amor da verdade? Porque alem da proibidade que se deve attribuir a um artista da reputação de Zampieri, é impossivel deixar de reconhecer em cada uma das composições confrontadas a individualidade propria e grande do seu auctor, quaesquer que sejam entre ambas as linhas de contacto, ou as semelhanças de aspecto impostas pela identidade do assumpto.

Ora, o estylo é o homem, dizia Buffon; e o homem capaz de imprimir em um sujeito já explorado o cunho da sua propria individuação, dando novo e formoso semblante a uma concepção chronologicamente anterior, não é, por certo, equiparavel ao plagiario, cujo traço caracteristico

é a ausencia constante de grandes qualidades individuais dominadoras.

Se o fosse, nenhum architecto de talento ousaria mais empregar, como Palladio e Sansovino, as ordens gregas e as modificações romanas a exemplo de Vitruvio e Leão Baptista Alberti, nem musico algum introduziria nas suas operas pensamentos alheios, embora profundamente alterados pelo proprio gosto.

Longe porém de se intimidarem com o aleive de plagiarios, que lhes poderia assacar a ignorancia, ou má fé, os mais celebres musicos nunca duvidaram illustrar a propria inspiração, assimilando-se o quanto encontraram digno della, e susceptivel de entrar nos gitos da sciencia musical.

Weber, na symphonia do *Turandot*, transforma e reduz ao seu estylo particular uma antiquissima melodia chinesa, a um tempo citada e annotada pelo Inglez Barrow e pelo gesuita e missionario francez Amiot.

Mendelssohn termina a *Symphonia da Reforma* com o choral de Luthero, do qual inspiraram-se igualmente Meyerbeer, Rinck, e outros illustres representantes da mesma severissima eschola.

Quasi todos os grandes compositores de musica sacra tem reduzido a bases de suas mais felizes creações motivos tirados dos antigos cantos lithurgicos, cuja origem nem sempre é conhecida.

Bellini, no coro dos Druidas, da *Norma*, parece inspirar-se da sonata de Beethoven appellidada *le*

clair de lune. Digo *parece*, porque poderia haver ahí coincidência de ideas, assim como a houve, evidentemente, entre *la donna è mobile*, de Verdi, e a *Symphonia nacional* do Portuguez João Evangelista, que foi executada 4 ou 5 annos antes de ser conhecido o *Rigoletto*.

Offenbach, apezar do seu genio espontaneo e original, reproduziu mais de uma vez em suas operetas motivos conhecidos. Na *Cendrillon*, por exemplo, introduziu uma popularissima melodia belga, fazendo della outra melodia de aspecto rhythmico mui diverso, por uma simples alteração no modo de terminar-lhe o primeiro periodo.

Digamol-o de passagem, que essas alterações são, ás vezes, mais faceis na musica do que em outras artes. Nasceu dessa facilidade casual o poder-se transmutar na mais sublime marcha funebre que existe o allegretto da septima symphonia, em *la*, de Beethoven, trocando-se em andante o movimento em que foi escripto.

Do commodo recurso a que alludimos lançou mão Berlioz para dar nova feição ao *Dies iræ*, canto lithurgico, que introduziu alterado na sua symphonia phantastica intitulada *Retour à la vie*.

O mesmo fez Flotow na *Martha*, com o canto ou melodia escosseza « *The last rose of summer*; » e mais largamente Mendelssohn compondo sobre o mesmo thema musical uma notavel phantasia; Glincka com diversas canções russas, que introduziu nas suas operas *Ruslan e Ludmilla* e *A vida*

pelo Tzar; Schumann com um conhecidissimo canto popular allemão, que accomodou á *Geneveva*; e finalmente Rouget de Lisle, improvisando n'uma noute o mais grandioso hymno de guerra que existe, a *Marselheza*, sem excluir da imaginação vivos échos de canções do povo, algumas das quaes acham-se repetidas na collecção dos seus cantos, e estariam certamente destinadas a desaparecer da memoria humana, se não as houvesse immortalizado o genio do inspirado patriota.

Beethoven, o maior de todos os musicos, não se poudesquivar á lei commum: em diversas composições de alto merito, como na symphonia em *do maior*, executada pela primeira vez em 1800, revelou a grande influencia que exerceram-lhe no espirito Mozart e Haydn; o que equivale a haver demonstrado resaiço de pensamentos e fórmulas proprias destes ultimos mestres.

A poesia allemã nos offerece exemplos ainda mais evidentes dessa especie de fecundação intellectual, que muitos adrede confundem com o fraudulento processo do plagiario. E para proval-o detenhamo-nos um momento diante de Goethe, isto é, do «grande poeta da Allemanha, primeira potencia intellectual do nosso seculo, etc.» segundo affirmam os proprios biographos francezes; e interroguemol-o acerca da colossal figura do *Fausto*, que mais do que todas as outras desenhadas pelo inspirado auctor de tantas obras formosissimas, o immortalizou.

Será essa figura uma criação exclusiva de Goethe? Longe d'isso: desde remotissimos tempos o *doutor Fausto* foi um mytho popular na Allemanha; e muitas vezes, antes do immortal poeta, apparecera nas scenas dos theatros ambulantes desenvolvendo a propria legenda, acompanhado de um genio fiel. Lessing havia composto sobre o assumpto duas tragedias de que ainda existem fragmentos, e Klinger escrevera um longo romance intitulado *Fausto, sua vida, suas acções, e sua viagem ao inferno*. Ainda mais: a legenda ultrapassou os limites do paiz onde nascera, e foi inspirar a Marlow, na Inglaterra, o qual soube tirar da complicada tradição uma tragedia cheia de bellezas. Em todas essas producções da imaginação, populares ou litterarias, figura o grande typo com sua barba quasi secular, com suas chimeras scientificas, seu continuo esforço para roubar a faisca divina que já na antiguidade custara tão caro a Prometheu, e assignando finalmente com o demonio o pacto fatal que o faz retroceder á juventude, suprema aspiração de um espirito robusto encerrado n'um corpo decrepito.

Dos maravilhosos contos, dos quadros suspensos á sonhadora phantasia do Norte e á sequiosa imaginação dos prematuros rapsodes, das muitas fórmas que revestiu nos sonhos populares e no gosto disciplinado dos homens cultos formou Goethe a sua concepção; e por um trabalho de assimilação e producção, de que só os grandes genios são capa-

zes, imprimiu-lhe a unidade da acção, a variedade dos episodios, a harmonia da linguagem, os encantos do amor, as bellezas do estylo, e todas as opulencias contidas em uma alma de artista, enriquecida dos cabedaes da philosophia e do mais vasto saber que tem cabido em mente de poeta.

Assim expurgada de fabulas ridiculas e de concepções illogicas, idealisada pelo sentimento individual, contendo novos thesouros em que todos podem colher, e como que esplendidos reflectores em que todos se podem mirar, blandisona como a pastoral e grandiloqua como a epopéa, meiga e vasta, eloquente e intima, confidente e prophetica, quem poderá desconhecer nella a intervenção prodigiosa de um genio colossal e creador? Quem negará a grandeza dominadora da acção pessoal goetheniana, sob pretexto de haver descoberto nas chronicas nebulosas da poesia allemã as multiplas origens do profundo poema, que Byron não duvidou imitar no seu *Manfredo*?

Não é somente no Fausto que está demonstrado o engenho do poeta allemão, cuja grande estatura ficara indiscutivel com a publicação da deliciosa *Iphigenia em Aulide*, adumeração da tragedia posthuma e obra prima de Euripides, na qual já Racine havia bebido inspiração, e Rotrou ensaiado o seu talento. Escripita logo depois da sua viagem á Italia, e banhada no estylo italiano, não deixa de ser entretanto um primor de linguagem e uma producção poetica de tão potente originalidade

quanto o é a *Iphigenia em Tauride*, outro thema euripidiano, de que Guimond de la Touche já havia feito, 29 annos antes de Goethe, uma pathetica tragedia.

Mas que não é indecoroso a um grande auctor adoptar intenções e illustrar themas alheios prova-o ainda Schiller introduzindo em um dos seus dramas, como Shakspeare no *Romeo*, a imagem livre de uma paixão subtanea e de uma declaração de amor que começa quasi por um desfecho; e provam-no Klopstock, Wieland, Lessing, Herder, e quantos, emfim, illuminaram as letras allemães, em cujas meditadas creações encontram-se evidentes reflexos de todas as litteraturas do mundo.

A litteratura ingleza, imagem do character nacional o mais independente, talvez, que se conhece, tambem offerece-nos insignes exemplos dessa especie de filiação de pensamentos, de genese intellectual, descendente na ordem chronologica e ascendente na das idéas, que constitue um factio historico do qual fôra impossivel prescindir na interpretação de certa ordem de phenomenos estheticos.

O proprio Shakspeare, a quem a relativa ignorancia das letras estrangeiras até certo ponto preservara do contagio dos grandes modelos, começou a sua carreira imitando, na *Venus e Adonis* e na *Lucecia*, o gosto italiano; e chegou ao auge da gloria repolindo, explanando, engrandecendo e aperfeiçoando as diffusas peças do velho repertorio dramatico nacional, muitas das quaes affirmou suas

pela criação da eloquencia das personagens, do sublime das situações, da grandeza descommunal dos caracteres, e de todos os fulgores com que tornou luminosas, impressivas e populares as obscuras concepções dos seus primitivos e barbaros auctores.

Quando o embryão de um drama de Shakspeare não existe n'um esboço de Chaucer, de Lydgate, de Gosson, ou de qualquer dos prolixos representantes das lettras primitivas inglezas, acha-se, de certo, na antiguidade grego-latina, ou ainda, e principalmente, nos Romances e Novellas nacionaes; inesgotavel messe de themes e assumptos, na qual a Senhora Lennox em 1736, e Payne Collier mais recentemente, acharam o plano rudimentario e como o arcaboço das principaes tragedias e de outras composições do auctor inglez.

Tal é, aproximadamente, a origem do *Henrique VIII*, do *Romeo e Julieta*, do *Rei Lear*, do *Macbeth*, do *Timão de Athenas*, do *Hamleto*, e de quasi todas as obras que fizeram do seu auctor o maior poeta dramatico dos tempos modernos.

E pois, do mesmo modo que não ha excepções na litteratura franceza, nem na allemã, tambem não as ha na ingleza. Alem de Shakspeare provam-no Chaucer, o pai da poesia na Inglaterra, Lydgate, Occleve, Alexandre Scott e todos os poetas do primeiro periodo, accomodando á linguagem e ao gosto nacionaes os modelos estrangeiros, e especialmente os trovadores do norte da França e os

versificadores italianos; provam-no ainda Ben Johnson, Pope, Swift, Byron, Milton, como se deprehende do estudo comparado de suas obras, em que transparecem, envoltas no manto dos mais formosos atavios, humildes pensamentos de auctores quasi ignorados hoje, porque os eclipsou, como a luz do sol os astros matutinos, o incomparavel talento daquelles grandes escriptores.

Demos um ultimo exemplo. Antes de deixar a Italia, cujas bellezas naturaes e artisticas attrahiam a attenção dos espiritos eleitos da Europa, demorou-se Milton em Milão. Naquella cidade, assistindo por acaso á representação de um drama italiano de certo Andreini sobre a *queda do primeiro homem*, concebeu o intento de desenvolver o mesmo árgumento, completando e aformoseando na sua lingua a imperfeita idéa do *Paraizo perdido*, a qual aliás constituia na Inglaterra uma especie de legenda popular, que já havia inspirado a dois poetas nacionaes: Grotius e Faubmanus.

O amor proprio dos Inglezes repelle semelhante origem, denunciada por Voltaire e vigorosamente combatida pelo doutor Johnson. Entretanto o drama existe, e até, como não disséra o philosopho francez, encerra na primeira scena do primeiro acto um monologo de Lucifer avistando a luz do dia, que, incontestavelmente, parece um fraco esboço da estupenda apostrophe ao sol posta por Milton nos labios de Satanaz.

Não ha nisso usurpação fraudulenta á qual con-

venha o termo consagrado na lei Flavia para denominar a apropriação, compra ou venda de pessoa livre, e que Marcial applicou figuradamente ao auctor que, por não ter engenho proprio, rouba pensamentos e expressões alheias; ha, sim, transformação de idéas, progresso de invento, e transmigração ascendente de uma mesma concepção em cerebros differentes, que a comprehenderam tão diversamente quanto era nelles diversa a natureza psychologica e a sciencia de que dispunham.

E tanto isto é uma verdade intuitiva, que a opinião publica na Inglaterra elevou-se indignada quando o Escossez Lauder teve a infeliz lembrança de accusar a Milton de plagiario, e para o provar estaniçou confrontados uma serie de versos do jesuita allemão Masenius, e outra de uma traducção latina do *Paraizo perdido* feita para a circumstancia. Ninguem parecia ignorar que um espirito como o de Milton, illustrado por uma immensa leitura e enriquecido da recordação do quanto vira e estudara, não podia deixar de derramar no seu maior poema grande copia de vivissimas reminiscencias.

Finalmente, se a consciencia das almas creadoras repellisse, como indigna de si, toda e qualquer inspiração firmada no alheio exemplo, Camões não teria seguido a Gil Vicente no planejar algumas das composições dramaticas da sua juventude, nem a Plauto nos *Amphitryões*, a Horacio nas oitavas,

que dirijiu em 1561 a D. Constantino de Bragança, a Ovidio, Propercio e Tibullo nas poucas elegias que compoz, a Virgilio em diversas passagens dos *Lusiadas* e particularmente na estupenda descrição do palacio do Samorim, a Sannazaro nas eglogas piscatorias, ou ainda ao rei David nas redondilhas que escreveu logo depois do seu naufragio.

Mas não somente saciou o espirito nas muitas fontes em que então todos bebiam sciencia e inspiração, como não fez mysterio disso na sua obra prima, a immortal epopéa dos Portuguezes, na qual deixa transparecerem as grandes reminiscencias impostas pelo estudo á sua vasta imaginação, e até introduz um verso de Petrarca na propria lingua deste poeta.

Longe de obscurecer o grande merito do poema, mostram essas eloquentes provas de erudição em quaes largas bases elle se firma como vasto monumento de litteratura, ao passo que bem poucos lhe podem ser comparados como conjuncto de peregrinas bellezas ennobrecendo a realidade, de creações phantasticas da maior originalidade aureolando a historia, e principalmente como expressão litteraria de ardente patriotismo e de justo orgulho nacional, que o transformam em epitaphio de luz e verdadeira apotheose da antiga grandeza de Portugal.

Accresce que muitos desses encontros de pensamentos ou de fórmãs são meramente casuaes, como

foi casual a quasi coincidência entre a época do descobrimento do vapor em França por Denis Papin, e na Inglaterra por Savery; e como o são a maior parte das grosseiras semelhanças, que um olhar intencionado facilmente descobre entre os elementos constitutivos de qualquer grande composição e traços esparsos em obras já realizadas.

Uma prova eloquente da impossibilidade em que se acha o critico de tirar dessas semelhanças summarias, ainda evidentes, argumentos convincentes contra o engenho de um auctor laureado, temol-na na ultima discussão da imprensa franceza ácerca da originalidade da *Tosca*. Impressionados do parallelismo entre a dolorosa situação da protagonista desse drama e da de outras personagens conhecidas e celebres, como a *Marion Delorme*, a *Leonor*, a *Gioconda*, etc. concluíram os adversarios de Victoriano Sardou accusando-o de tel-as plagiado na sua nova criação; sem se lembrarem que a historia do Condestavel de Bourbon, que pertence ao dominio universal e contem caracteres e situações iguaes á do Barão Scarpia, a cujo sensualismo é immolada a honra e a boa fé da desgraçada *Tosca*, dispensava qualquer auctor de merito do ingloriosissimo trabalho de plagiar a escriptores que já se haviam encontrado de um modo tão notavel. O abortamento dessa discussão perante a defesa do illustre dramaturgo — que faz derivar a idéa fundamental da sua peça de uma fonte superior ás

creações da litteratura — attesta como no vasto repertorio das obras da intelligencia se podem encontrar, como na natureza, os mesmos typos, as mesmas fórmãs, repetidas total ou parcialmente em producções diversas, sem que entre ellas tenha havido o menor plagio (1).

Raphael nunca plagiou a Fra Bartolommeo, nem este áquelle; entretanto o estylo de um destes mestres é tão semelhante ao do outro, que Pedro de Cortona tomou o *São Marcos* do palacio Pitti, em Florença, por uma obra do chefe da eschola romana.

A originalidade não reside tanto na absoluta independencia da concepção quanto na fórmula peculiar a cada auctor; e isto já o havia dicto Victoriano Sardou defendendo-se do injusto labéu de plagiario, que lhe assacavam por occasião de dar ao publico outra das suas melhores peças. E tanto é certo, que uma figura de Miguel-Angelo differiria essencialmente de uma de Ticiano, ou de Correggio, por maior que fosse a coincidencia dos seus contornos juxtapostos.

Comparando a pintura da *Céa*, de Leonardo de Vinci, com a composição congenere de Domenico Ghirlandajo, executada no convento de Ognissanti em Florença 13 annos antes daquella, ninguem poderá deixar de reconhecêr a grande

(1) Dezembro de 1887.

semelhança que existe entre ambas, e por consequencia a filiação a um tempo chronologica e artistica que liga o painel do fundador da Eschola Milanese á composição, ainda timida, do mestre de Miguel-Angelo.

Em ambas a mesma disposição geral das figuras, a mesma tendencia individual das cabeças, e, na de Ghirlandajo, como o germen do grupamento systematico dos personagens, figurando separadamente apenas aquelles cuja situação assim o exigia.

Isto porém não obsta a que o celebre *Cenacolo* de Milão seja justamente considerado pelos mais competentes auctores como « o manifesto do Renascimento italiano; um dos mais perfeitos modelos daquelle estylo sublime que convem á pintura religiosa, e que, segundo Raphael Mengs, consiste em unir no mesmo objecto o possivel ao impossivel (1); » proposição que de certo seria completamente falsa applicada á obra de Ghirlandajo.

A identidade de aspecto ou de situações na litteratura, e nas bellas artes a semelhança de linhas ou de attitudes entre duas ou mais figuras de composições diversas não constitue, pois, depoimento valido contra a originalidade de qualquer dellas; e esta só se deve buscar na indole particular dos

(1) LOUIS et RENÉ MÉNARD, *Tableau historique des beaux-arts*.

meios de que se serviram os respectivos auctores, para communicarem o seu pensamento definindo-as.

A acceção figurada que deu Marcial ao termo plagio applica-se exclusivamente ao furto que faz o compilador sem merito para parecer que o tem. Ella suppõe inferioridade de intellecto e deslealdade de processo. Assenta em Ducis, por exemplo, imitando a Shakspeare sem o comprehender, Ronsard a Pindaro sem o igualar, Pedro Charron a Montaigne sem o citar, e mesmo Voltaire a Pope quando, na *Loi naturelle*, se revela tão inferior ao auctor do *Ensaio sobre o homem*.

Não se diz que Gustavo Doré plagiou a Miguel-Angelo, porque apesar do manifesto esforço que fez para se apoderar da maneira do mestre florentino, conservou-se sempre differente deste, servindo-se da acção violenta das figuras e da expressão physica do desenho para povoar e animar as suas grandiosas perspectivas, nas quaes o corpo humano entra as mais das vezes como meros elementos de decoração. Se, porém, como Bandinelli, ficasse a baixo do seu grande modelo, imitando-lhe a sciencia anatomica, a violencia do gesto e a aspiração ao sublime sem revelar qualidades novas e originaes, não poderia por certo repellir victoriosamente a vexatoria imputação.

A inferioridade relativa, a ausencia de engenho e de progresso manifestada no proprio fructo da imitação, eis, Senhores, o character distinctivo do delicto litterario ou artistico, que muitos de pro-

posito confundem com as coincidencias de idéas ou de fórmulas resultantes do facto de collaborarem, casual ou intencionalmente, diversos auctores summos no aperfeiçoamento e na immortalização do mesmo ideal.

DISCURSO

PROFERIDO NA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS ARTES

EM PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

no dia 28 de Março de 1885

por ocasião

da

DESTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS AOS ARTISTAS

que se distinguiram na precedente Exposição

(Publicado no Jornal do Commercio de 9 de Abril de 1885)

SENHOR.

Meus Senhores!

Uma tristeza mesclada de desalento me annu-
viaria a frente de artista brasileiro, crestada pelo
ardor do trabalho e sulcada das rugas que vão
quotidianamente escrevendo nella os incessantes
desenganos da vida, se diante de mim não reful-
gisse de continuo o ideal da arte como um phanal
que me orienta no oceano de difficuldades cavado
pelas circumstancias do paiz no espinhoso caminho
da minha profissão; um irremediavel scepticismo
paralysaria o meu enthusiasmo se, prescrutando
os espaços em que rola como nuvem do outomno
a grande questão da actualidade — a glorificação
da magestade humana pela condemnação do vicio
legal que a desconhece — eu não devisasse alem
do inquieto scenario do presente a effigie da Patria
coroadada de louros e circumdada dos incensos da
historia; assemelhar-me-hia a um espectro de thea-
tro a procurar inutilmente commover espectadores
iniciados nos segredos da optica recreativa, se ante
mim não se desdobrasse tão vivo neste momento o
edificante quadro de um poderoso soberano acom-

panhado de sua augustissima familia e rodeado de tudo quanto ha mais illustrado e nobre na côrte do grande Imperio Sul-Americano, animando com os paternaes sorrisos de sua benevolencia os modestos operarios que concorreram á ultima exposiçãõ, e que agora lhe entoam em seus corações hosannas de reconhecimento.

Eloquente devera ser a voz eleita entre as mais auctorizadas, para desenhar com precisãõ perante quem nos contempla uma situaçãõ tão cheia de anciedade para o artista, e tão inexplicavel para o amator, quãõ pejada de contradicções para quem encara os phenomenos de certa ordem sob a luz da philosophia. Dir-se-hia que a sociedade desamparou o artista e desertou o seu posto de protectora de todo o cidadão util e trabalhador, em quanto o monarcha ahi está acompanhado de sua augusta casa e de uns pacificos soldados, a defender e afaçar o estandarte do bello — essa delicada bonina desabrochada no seio das creaturas eleitas — contra o halito glacial e deleterio da indifferença publica, que tudo fere de mortal paralyisia.

Desculpai-me, Senhores : como brasileiro, como professor de historia das bellas artes e da sciencia do bello, interprete dos sentimentos da Academia, e artista expositor a um tempo, eu não posso circumscrever o sentido da minha timida allocuçãõ no dourado retabulo de uma solemnidade puramente festiva ; e antes sinto o imperioso dever de lembrar ao distincto auditorio, que ora me honra, a triste si-

tuação em que se acha a arte brasileira, essa desditosa filha do sentimento nacional, que depois de arrastar durante meio seculo uma existencia de enfeitada, apenas um ou outro dia suavizada por afagos fugitivos, e depois de se exhibir enfeitada das rosas e açucenas que a custo colheu no ingrato campo da abnegação e do sacrificio, ainda tem o triste direito de cingir a fronte com a corôa de cardos e espinhos com que na procissão das Panathenéas apresentavão-se as orphãs sem tutor para excitarem a compaixão dos homens generosos.

Entre nós até a lei foi pouco e pouco... que digo? foi progressiva e rapidamente acostumando o cidadão sensível a desprezar a arte, como se ella fôra um simples divertimento de ociosos; e o effeito moral de semelhante fatalidade foi tão decisivo, que quando um dia, não contando com os progressos realizados no laboratorio do artista, os particulares e os homens publicos do paiz contemplaram com pasmo o estado da arte brasileira, nem uns nem outros tiveram para os representantes desta senão consolações elegiacas, ou elogios cheios de condolencia. A propria Academia, convocando com publica e solemne approvação do Governo Imperial esses pacificos operarios ao certame — nem sempre isento de perigos — da inspiração e do trabalho, para dar balanço nas forças estheticas da nação, e ver até que ponto nos poderíamos eximir de pagar quotidianamente o tributo intellectual e pecuniario que dá o povo me-

nos civilisado ao que lhe é superior, reconheceu a falsa situação creada a todos pela imprevidencia de que deu prova o legislador quando, sem estudar as necessidades do seu proprio paiz, e supprimindo caprichosamente a verba destinada a aquisição annual de obras de arte, pôz o Estado na impossibilidade legal de remunerar materialmente aquelles que mais se esforçaram para fornecer á sua patria obras dignas da attenção publica e de passarem a pertencer ao dominio nacional.

O atrazo intellectual de que acaba de dar prova a população fluminense, encarando com frieza e indiferença a sorte do artista brasileiro, e recuando diante de um leve sacrificio pecuniario para contemplar na ultima exposição os progressos da arte nacional, attestados por tantos trabalhos dignos de figurar com applausos nas melhores galerias da Europa, impunha entretanto ao estadista o dever de dar o exemplo do contrario, não deixando fene- cer o genio, que tanto o honra, por amor de uma economia em opposição com os habitos philantropicos dos filhos deste paiz.

No estado, pois, em que se acham as bellas-artes entre nós, isto é, sem fim nem destino, sem nada significarem no mechanismo da cousa publica, entregues a si mesmas, repellidas pelo despotismo parlamentar, que tudo hoje domina em nossa patria, não tendo, por consequencia, papel a representar nem missão a cumprir, nem ideal a attingir além da platonica satisfação que grangeam ao

homem sacrificado nas aras do seu nobre cultivo, quaes esforços de oratoria bastariam para advogar-lhes os interesses, e demonstrar á multidão de phariseus que as tem sacrificado, a sua alta e virtual importancia perante a industria que as espera, perante a instrucção popular que as conta como um dos seus mais poderosos instrumentos de propagação, perante a transformação do trabalho, que se impõe como um problema da maior importancia nesta época de estertor para a escravidão e de esperanças para a liberdade, perante a historia, finalmente, que aguarda anciosa o desfecho dessa grandiosa batalha que, por honra do Brasil e amor da justiça travaram as aguias do progresso com as remoras do obscurantismo?

Eu quizera ter talento e um optimismo embriagador para transformar o meu pallido discurso em um cantico de triumpho; eu quizera ter phantasia bastante para iriar o quadro que se me antolha, e vol-o offerecer esplendido e ridente como uma paizagem brasileira em dia de primavera; e as illusões da juventude que me desenhassam lagos deliciosos ahi onde só tenho encontrado cactus e aridez: e uma alegria de cherubim para só enxergar ideal e poesia por cima das urzes que me convertem o caminho do dever em vereda de provações; e de todos os raios de luz derramados em minha alma pelo amor da patria poder compor uma epopéa grandiosa e um painel deslumbrante, que por muito tempo resoasse saudosa nos vossos

ouvidos, ou ficasse exarado nas vossas retinas, como um hymno nupcial ou uma madona de Raphael; faltam-me, porém, as miragens necessarias para velar a lucidez do meu espirito de patriota, que tem por toda eloquencia a singeleza e a sinceridade.

E onde estariam agora neste florente imperio, se eu as invocasse por patriotismo, a poesia épica, a litteratura dramatica, a tragedia, a lyrica nacional, a comedia, ou uma eschola de musica original brasileira, ou uma arte qualquer digna de exprimir o viço, a riqueza, os immensos cabedaes, a intelligencia e as aspirações deste formoso paiz? Onde as galerias publicas, os templos sumptuosos, as universidades livres, os laboratorios de estatuarria, as escholas populares de esthetica applicada, ou, ao menos, o incentivo indispensavel para que tudo isto surja, cresça e se expanda no seio de um paiz onde tudo conspira contra o homem que vive da intelligencia?

Seja-me, entretanto, permittido affirmar-vos solememente, oh Senhores, que no meio dessa general depressão do espirito creador sul-americano, o artista só aspira collaborar directamente com o estadista e o soldado na edificação e no aformoseamento da patria commum; que a eschola brasileira de pintura já não é um vão desejo, e que os solitarios artistas que a representam encerrados na desalentada officina como outr' ora os alchimistas em seus obscuros laboratorios, ainda afagam a esperanza de serem um dia admittidos na communhão

dos homens a quem se vai successivamente confiando o destino moral da sociedade; seja-me permitido dizer-vos que a arte nacional — infante desterrada no seio de sua propria mãe, — sentindo-se apta para exprimir em suas creações as grandes faces do coração e do genio brasileiro, patenteadas na hospitalidade do sertanejo, na illustração do tribuno, na generosidade do politico, no heroismo do soldado e no affecto da familia, freme de impaciencia em se vendo cercada dos obstaculos que a entorpecem; que ella, desanimada dessa especie de exilio moral em que vai arrastando uma existencia cada dia mais ingrata, preferirá morrer á continuar a ser negada, como Christo, diante dos povos que illumina; e que, finalmente, existe uma flagrante contradição nas intenções da sociedade que despende capitaes na educação do moço predestinado, entre-tendo-lhe no espirito esperanças illusorias, alimentando-lhe e radicando-lhe na alma a paixão do bello, mandando-o aperfeiçoar-se nas principaes escholas do mundo, para, depois de prompto e ás vezes insigne o artista que ella assim educou e poliu, responder-lhe, pelo seu procedimento immediato, que elle, bem que digno da estima publica e das altas distincções do governo, está, pela natureza especial da profissão que adoptou, fóra do circulo dos homens uteis á sua patria.

A historia nos representa os grandes artistas como espelhos dotados de consciencia, ou melhor, como magicos reflectores em que os grandes pheno-

menos contemporaneos se retraçavam, echoavam, gemiam e estrondeavam com as vehemencias de um sentir fortissimo, e ao mesmo tempo uma fidelidade que ainda nos assombra. É por isso que suas creações caracterisam a época da qual emanam, e marcam o estado do espirito da geração a que pertencem; é por isso que seus involuntarios protestos assignalam éras de moraes calamidades, que suas glorias peculiares têm o valor de apothoses nacionaes, e suas virtudes particulares nos parecem outros tantos titulos de civismo a recahirem como centelhas de luz sobre a cabeça dos seus obscuros e ás, vezes inconscientes collaboradores. Semelhante em suas nobres volições a esses excelsos modelos, o artista brasileiro anheia entrar como um elemento de civilisação e progresso no turbilhão que arrasta, fatal ou providencialmente, todos os povos para a perfeição; e nos sonhos que repintam-se-lhe no horizonte dessa salutar esperanza, elle invoca o applauso publico como um estimulo indispensavel á realizção de toda a grande idéa; elle sente a necessidade de um apostolado social, em que possa deixar aos posterqs uma lição, e uma prova de que sua passagem pela vida não foi totalmente inutil para a humanidade.

É indispensavel o enthusiasmo da nação, na verdade, para exaltar o engenho despertando-lhe a consciencia da sua força, como é indispensavel ao artista o reconhecimento e a estima do povo, para suster sua alma abrazada nas dolorosas luctas que

ostenta comsigo mesmo, e das quaes se levantam os monumentos duradouros. A propria thiara inclinou-se prestando homenagem ao genio de Miguel-Angelo, daquelle gigante cuja abnegação fêl-o por vezes esquecer o mundo em que vivia, para trabalhar sem companheiro, encerrado na solidão e no silencio da noute, só, com um torrão de argilla, de que, como Jehovah, formava um homem.

Quando um novo livro de Goethe ou de Schiller apparecia, era um acontecimento nacional para a Allemanha: ella olvidava tudo o mais, até as guer-ras do imperio e os seus proprios desastres. O povo comprehendia instinctivamente que lhe faltava uma litteratura, essa primeira condição não geographica de uma nacionalidade, e que uma vez lançadas as bases do edificio intellectual, alcançar-se-hia facilmente elevar sobre ellas o edificio politico. A nação inteira deixava avançar o terrivel exercito de Napoleão, tão entretida parecia com as bellezas do *Walenstein*. Chegou entretanto a sua vez, em 1815, e Schiller, creando uma Allemanha espiritual pela communiidade das idéas, bem se póde ufanar de ter luctado tão directamente pela independencia de sua patria como Blucher e Stein. Trabalhando em vesperas da grande lucta de que sahiu a Allemanha vencedora, o poeta sentia em si a presença da nação que sellava as suas creações com transportes de enthusiasmo; e na justa satisfação que isto lhe causava a sua delicada natureza achou, qual segundo Miguel-Angelo, a força de um titão.

Desconhecidas pela mór parte dos homens eminentes dos quaes tem dependido no Brasil a sorte do artista, já tributaram a estas verdades sinceras homenagens os Srs. Viscondes do Bom-Retiro e de Abaeté, conselheiros João Alfredo, Affonso Celso e Leão Velloso, Drs. Alfredo de Escragnolle Taunay e Fernando Osorio, e, finalmente, o actual director desta Eschola, conselheiro Antonio Nicolau Tolentino, o qual, apezar da ingratição das circumstancias, soube organizar as melhores exposições de pintura que se têm realizado nesta academia, cujo edificio ampliou, e cujas collecções teria augmentado com incalculavel proveito para o ensino e para a historia do sentimento artistico brasileiro, se o Estado não fosse muitas vezes o primeiro em desconhecer, nas occasiões opportunas para taes melhoramentos, a utilidade de uma instituição que elle proprio creou com um mimo excepcional.

Meus Senhores, a vida material dos homens distinctos no Japão não é mais difficil nem mais dispendiosa do que no Brasil, e entretanto os professores e lentes do Instituto Imperial das Bellas Artes de Yedo, além de desfructarem isenção de alguns impostos em aposento graciosamente fornecido pelo Estado, percebem remuneração annual cinco vezes maior que a dos mestres da nossa academia. A consequencia pratica deste e de outros factos attestadores da importancia ligada ao ensino artistico pelo illustrado governo daquelle remoto

paiz — ácerca do qual se faz entre nós tão desfavoravel conceito, — tem sido a extraordinaria expansão da eschola japoneza, cujos productos, influindo directamente sobre o aperfeiçoamento da industria manufactureira, e expostos em galerias especiaes em diversas capitaes da Europa, não são estranhos á formação da modernissima eschola *impressionista*, que vamos aceitando como uma criação puramente franceza.

Os delicados sentimentos que ostenta o Exm^o. Sr. senador ministro do imperio a respeito das bellas-artes, de que é um dos mais esclarecidos amadores em nossa terra, auctorizam-me a crer que S. Ex. não deixará de se esforçar para que o actual e illustrado Parlamento supprima os obstaculos, que presentemente se oppoem ás boas intenções do governo imperial perante os incontestaveis progressos da arte brasileira e o direito do operario laureado á remuneração de que, como todo o cidadão, tira a sua subsistencia.

E vós, Senhor, a quem nós consideramos como enviado do céo para mitigar a sêde desses humildes filhos de uma nova Agar; vós, que do alto da vossa gloria de sabio e virtuoso monarcha de um grande povo vindes destribuir com vossas augustas mãos o premio do trabalho ao modesto artista, dignai-vos de acolher as expressões de eterna gratidão, que a paternal magnanimidade de Vossa Magestade arranca espontaneas dos nossos corações,

em cujo fundo não póde deixar de reinar a vossa
imagem amiga e consoladora, quaesquer que sejam
as vicissitudes pelas quaes tenham ainda de passar
a arte brasileira e os mais illustres como os mais
obscuros cultivadores do bello!

DISCURSO

PROFERIDO NO IMPERIAL THEATRO DE S. PEDRO DE ALCANTARA

EM PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

e de cerca 3500 pessoas da mais selecta sociedade brasileira

no dia 5 de Julho de 1885

por occasião da

SESSÃO LITTERARIA SOLEMNE

EM HOMENAGEM Á MEMORIA DE VICTOR HUGO

sessão a que

por aclamação da mais distincta mocidade do Brasil

presidia o orador

(Publicado na Gazeta de Noticias de 19 de Julho de 1885)

SENHORES!

Sentando-me n'este honroso logar, eu tenho consciencia de não merecer as benevolas expressões que acaba de dirigir-me o illustrado Presidente effectivo da União Academica, e ainda menos a escolha com que me distinguiram os esperançosos promotores d'esta reunião, aos quaes cheio de commoção agradeço.

Artista obscuro, ignorante dos segredos da tribuna, sem nenhum dos dotes que constituem o orador, nem outros meios de exprimir a grandeza da idéa que aqui convocou tantos varões illustres e tantos moços distinctissimos, acho-me desterrado das minhas placidas occupaões, em que, sem gloria nem quasi proveito material, passo os dias como os trabalhadores do mar em busca da fugitiva perola, ou como os extractores do carvão fossil em seus escuros subterraneos.

É, pois, convencido da minha insufficiencia intellectual, e para prestar publica homenagem aos sentimentos altos e nobres da mocidade brasileira; é, principalmente, para associar a arte nacional ao

sentimento unanime, que eu acceito o lisonjeiro convite de presidir a esta Sessão solemne da illustrada União Academica.

Antes porém de enunciar a minha curta elocução, sinto o dever de agradecer a Sua Magestade o Imperador, em nome da intelligencia da Nação, aqui largamente representada, a bondade com que dignando-se de presidir moralmente a esta solemnidade em honra de Victor Hugo, augmentou-lhe a significação, e mais uma vez demonstrou o apreço em que tem os principes da arte e as manifestações d'esta ordem.

Oxalá que fosse contagioso o exemplo que dá a mocidade, e que o Soberano comprehende! Oxalá que o respeito aos grandes representantes do bello e da idéa invadissem as assembléas onde se forjam as nossas leis, e fizesse vibrar a quasi embotada alma do politico; que os depositarios do poder e os eleitos do povo quizessem um dia, porventura, dar-se ao trabalho de encarar de frente as questões que se prendem á arte e á litteratura, e calculassem a severidade dos arestos que hão de necessariamente gravar sobre a memoria d'elles na historia do periodo social que atravessamos, e no qual este grande paiz, regeitando sob pretextos de economia o esforço intellectual dos seus artistas, sem reflectir declara não ter ainda consciencia da sua propria dignidade esthetica.

Meus Senhores! — Os seres que cogitam, que não vivem estranhos á contemplação dos pheno-

menos da historia e dos esplendores da intelligencia, sentem hoje em seus corações a passagem de um affecto desconhecido — mescla de saudade e enthusiasmo, de condolencia e admiração, de tristeza e arrebatamento — produzida pelo facto de um tumulo que se abre para receber a veneranda reliquia de um genio sobrehumano.

O mundo do pensamento traja a um tempo crepe e galas, o lucto da viuvez e a chlamyde da victoria, perplexo na classificação dos sentimentos oppositos que o dominam com a implacabilidade de agentes irresistiveis em uma descommunal antithese. A sociedade culta como que estremece sob a influencia de um phenomeno estranho, que sobreleva a todos os susurros, e impõe silencio aos échos perturbadores da mysteriosa symphonia que resôa pathetica em sua mente abysmada.

E porque entra essa especie de exaltação, quasi de voluptia intellectual, ahi onde só devera existir dôr e melancolia? Porque na presença de um Anjo não ha quem não esqueça um cadaver. É porisso que a humanidade, apezar de achar-se hoje congregada em torno de uma cova, não tem lamentos. Ella sente, ao contrario, que ha sobre essa cova um objecto mais augusto, e diante d'elle, longe de cuidar em orações e suffragios, experimenta as commoções de Eliseu, de joelhos sobre a terra, a contemplar Elias arrebatado no seu carro de fogo.

Emquanto aquelle sublime gigante existia como homem, era limitado e perecivel; agora, que sahiu

da estreita tunica da vida material, dilatou-se, ampliou-se, e tornou-se para o nosso espirito um astro immenso e um semi-deus, illuminando todos os arcanos da nossa natureza psychologica. Transmutou-se em facho e amor, em centro de attracção e agente de expansão. Tinha uma patria e era gaulez; hoje é compatriota de todo o homem que o conhece, e ainda d'aquelle que, sem o saber, recebe d'este ultimo os reflexos da idéa hugoniana, idéa que encerra seculos de lucta e infinitos de esperanza.

A obra multipla de Victor Hugo é um manancial onde a todos é permittido ir, á vontade, buscar o cabedal intellectual que lhes falta para poderem com passo firme entrar no templo da perfectibilidade. É uma synthese e uma prophesia, um gemido homerico e um cantico de triumpho, um brado de guerra e um amplexo de concordia. Para o tyranno ella é uma espada ameaçadora: para o despota, um phantasma; e para todos e acima de tudo, uma cratera perenne a eruptrar effluvios de luz.

Quem será capaz de decompor, de dissecar esse corpo immenso, em que se incarna o pensamento da França durante mais de sessenta annos de vertiginosas evoluções? Quem será contemporaneo da situação em que foi escripto o *Han d'Islande*, o *Cromwel*, as *Orietaes* ou *O ultimo dia de um condemnado*, e poderá atravessar com serena imparcialidade as tempestades politicas e sociaes que se

interpozeram entre a época d'essas creações e aquella em que o colossal Protheu reveste as suas ultimas fórmas, para poder julgar-o em toda a magestade da sua estatura enorme? Quem será o critico dos sete mil versos dos *Châtiments*, o interprete das metaphoras violentas, inesperadas, dos pensamentos flammejantes, titanicos, em que o poeta, para vingar o politico, lança ao mundo, ora em olympica suavidade, ora em relampagos offuscantes, toda a opulencia do seu ideal? Quem explicará todo o sentido d'essa nova *Divina Comedia* — collecção prodigiosa de maravilhas, de enigmas profundos, de poemetos deliciosos, de epopéas, de contos assombrosos, de tragedias esmagadoras e de prophcias esplendidas, — em que não é possivel distinguir a belleza perenne do heróe das suas irradiações momentaneas?

Renunciemos a esse commettimento temerario, e contentemo-nos do modesto papel de admiradores d'essa fulgurante individualidade, que se nos apresenta á imaginação envolta nas paginas do poema do espirito humano, como um globo sideral em sua coma luminosa.

E nem é isto uma imagem infiel, hyperbole ou hypertrophia oral do conceito unanime. Não: o homem que acaba de morrer physicamente, o cidadão que acaba de obter a consagração maxima da patria, recebendo por jazigo mortuario um Pantheon em lugar de um cemiterio, não era simplesmente um representante particular da sua geração

e do grande paiz em que nasceu ; mas a personificação idéal do nosso seculo, e a expressão rutilante da humanidade que reflecte, que crê, que espera, e ama, e soffre, e se revolta, vôa, delira, despenha-se nas profundezas do desconhecido, e de novo retrocede, geme, ergue o collo, sacode o pó que a esconde aos proprios olhos, pensa as feridas grangeadas nos seus gloriosos combates, e vai pranteando na sagrada theorba as suas maguas e cantando as suas passageiras victorias, como em busca de um novo Olympto sem horizontes, nem crepusculos, nem sombras, nem dimensões que o limitem. Ainda é mais: semelhante a Socrates e Phidias, a Copernico e Galileo, é um elemento indispensavel no ambiente em que se dilata a consciencia do homem moderno, consciencia illuminada pela historia e educada pela razão, consciencia que nos retraça constantemente as ulceras, os tropeços, os fulgores, os mysterios, as glorias, as fraquezas e a enorme potencia do nosso ser ; que nos demonstra os nossos direitos, ajuda-nos a evitar os transvios, consola-nos em nossas afflicções, e ensina-nos a amar ou a detestar com uma elevação moral que o mundo em outras épocas apenas suspeitava.

Tambem não me cabe traçar diante de vós a grande figura de Victor Hugo, e nem isso é trabalho para quem, como eu, sente-se aterrado e perplexo diante de tão grande modelo. Bastar-me ha dizer que se Miguel-Angelo tivesse conhecido

o summo poeta, se o pintor do *Juizo final* tivesse vivido na intimidade intellectual do cantor da *Legenda dos Seculos*, por certo tel-o-hia collocado entre os indomaveis Prophetas com que decorou a solemne capella de Sixto IV.

Orpheu e Homero, Job e Ezequiel, Eschylo e Tacito, Platão, Dante e Leonardo de Vinci, Cervantes, Camões, Shakspeare, Kant e Voltaire, todos os homens que sentiram vivamente, que se elevaram ás épicas alturas da criação na arte, ou da revelação na philosophia, se effectivamente existem na região da immortalidade objectiva e real, devem ter experimentado uma commoção nova ao verem penetrar o grande pensador no sacro areopago.

Entretanto, elle tambem soube o que era o desdem social; elle tambem foi pungido da férula da inveja antes de sentir os jubilos da victoria e as expansões do triumpho, e viu em torno de si o bando de morcegos que em todas as épocas e em todos os paizes detestou a claridade do dia; elle tambem foi accusado de plagiario de Walter Scott, quando, no seu ousado *Bug-Jargal*, exhibiu pela primeira vez uma das maiores faces da sua inspiração aquilina. Tambem viu erguida contra si a negra phalange dos grandes miseraveis e dos grandes Cains; mas passou por ellas como um gladio de fogo sobre relva resequida, ou como o Homero Ghibellino diante das turbas do inferno; e continuou magestoso, como o sol em sua gloriosa passa-

gem pelas apsidés do infinito, a derramar sobre esses outros abyssinios que o apedrejavam raios deslumbrantes e harmonias arrebatadoras.

O proprio De Lamartine commoveu-se com a estranha physionomia do trabalho colossal, que dia para dia se formava sob os dedos d'aquelle colossal estatuario da litteratura, e declarou altamente que o esforço do Mestre era uma tentativa corruptora. Erro de Leibnitz a considerar a obra de Newton, erro dos systemas exclusivos diante das concepções gigantescas, ou ainda erro de todos os homens, mesmo selectos e summos, quando medem pelos lados negativos as concepções sublimes dos verdadeiros creadores.

Parece-lhes que a aguia, para ser perfeita, devera ter as dimensões do beijaflor e o talento da abelha; e vacillam em seu juizo, quando a vêm passar triumphante pelas alturas telescopicas, triturando a serpente que os fascina, ou enchendo os ares dos échos do seu grito de guerra aos cordeiros e aos reptis.

A França, porém, affagando desde a adolescencia o seu dilecto filho, suffocando com estrondosos applausos uma ou outra nota perturbadora do universal concerto que animava o joven reformador da litteratura, assegurando-lhe a independencia material de que deriva em todo o homem superior a liberdade da expressão e o habito da soberania intellectual e moral, delirando depois com as multidões que saudavam n'elle o talento

triumphante e a virtude viril, erguendo-o em vida a uma altura jámais excedida por nenhum mortal, declarando *luto nacional* a morte d'aquelle que ella recommendava á admiração do mundo, e, finalmente, convertendo-lhe a tumulação em apothese, deu-nos o exemplo do quanto uma nação, seja ella grande e nobre como a patria de Victor Hugo, deve bafejar, proteger e glorificar o cidadão que a illustra.

Eu tive a felicidade de conhecer pessoalmente o poeta philosopho, quando este exulava á espera da libertação da sua cara patria; e como deputado da Universidade Livre das Sciencias, eu, pobre e obscuro cultor da sciencia e da arte, agradeçi-lhe, com a mão tremula, e tocando com o meu copo o copo d'elle, o brinde que, no banquete que lhe offereceram os «livres pensadores belgas,» em Lacken, pelos fins de 1868 (se bem me recordo), e no qual eu era o unico americano, o illustre propagador da idéa predominante em nossa época teve a delicadeza de levantar *ás liberdades americanas*.

Se, porém, essa fortuna não me fosse proporcionada pelo acaso, e eu não conhecesse o semblante do poeta pela photographia e pela gravura; se, ainda, não conhecendo as producções da arte italiana me mostrassem uma galeria dos primores esculpturaes do Renascimento, eu, por certo, juraria que só o Moysés de Miguel-Angelo podia conter os traços geraes do immortal legislador do pensamento. Só aquella altivez indomita poderia

exprimir, para mim, a sublimidade de Eschylo unida ao genio de Prometheu; só aquella cabeça erguida como a do leão, robusta como a de um moço, sabia e victoriosa como a sciencia e a demonstração; só aquelle gesto augusto, aquella vida exuberante, aquella bocca eloquente, aquella aureola apocalyptica, aquelle todo sobrehumano, emfim, da figura de marmore, poderiam encerrar a expressão material de quarenta seculos de lucta, de desalento, de triumphos, de duvidas atrozes e de crenças seraphicas, condensados em uma só cabeça, uma existencia unica, marcada do ferrete do precario e das irradiações da immortalidade.

Se o Espirito Creador tivesse dado a esse apostolo da liberdade a mansuetude de Socrates e de Jesus, se lhe tivesse tirado do coração o germen da paixão e a poesia da violencia, se Victor Hugo tivesse deificado a virtude como quizera que a sociedade exaltasse o ultimo scelerado, ah, por certo, no dia em que o contemplassemos assim, justo, imparcial, tolerante, verdadeiramente evangelico, divinizado pela apotheose da propria bondade, olympico, emfim, como se retrata em sua juventude; nós, fracos pensadores, em quem não poderam deixar de imprimir sua pegada desillusora os desenganos da existencia e o scepticismo theorico, não duvidariamos em crer que Deus, no dia em que o esculpiu, fez realmente o homem á sua imagem e semelhança. Não duvidariamos em crer na transsubstanciação phenomenal da essencia divina, as-

sim como, illuminando com o facho da philosophia e da esthetica a augusta physionomia d'esse ente extraordinario, não podemos deixar de curvar a cabeça como a um dos mais gigantescos e mais prodigiosos desvendadores do verdadeiro e do bello!

Oh grande preceptor das gerações jovens e fortes; inspirado exhibidor das tragedias do coração humano; legislador do pensamento e da palavra, que déste uma forma determinada e seductora ás indelineaveis phantasias que nos atormentavam, envoltas no vago manto do sentimento; interprete e poeta das nossas angustias; musico das nossas alegrias; propheta e apostolo; immortal hyerophante que mandaste a saudação d'este seculo aos seculos vindouros — como o monarcha das luzes saúda com os canticos e os arrebóes da áurora o dia que elle proprio crêa, dignai-vos de receber as homenagens da geração presente, que pasmada da vossa grandeza vos entôa um hymno de gratidão e de gloria!

INAUGURAÇÃO SOLEMNE
DA EXPOSIÇÃO DO QUADRO COMMEMORATIVO

DA

PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

em presença de

Suas Magestades e Altezas Imperiaes e Reaes

O IMPERADOR E A IMPERATRIZ DO BRASIL

A RAINHA DA SERBIA

A RAINHA DA INGLATERRA E IMPERATRIZ DAS INDIAS

O PRINCIPE D. PEDRO – A PRINCEZA BEATRIZ

E O DUQUE DE LEUCHTENBERG

Das prinoipaes autoridades oivis e militares presentes em Florença

de muitos prinoipes titulares

e finalmente de

numerozo e illustrado audiotorio

Na Academia Real das Bellas Artes de Florença

no dia 8 de Abril de 1888

ALLOCUÇÕES DO DR. PEDRO AMÉRICO

Na referida inauguração

*A Suas Magestades e Altezas Imperiaes e Reaes
presentes á solemnidade.*

Majestés et Altesses Impériaes et Royales!

Comme artiste, comme Membre de cette Académie, je sens le devoir de remercier de l'honneur qui ont bien voulu me faire Vos Majestés et Altesses Impériaes et Royales en venant ouvrir personnellement l'exposition de mon faible ouvrage. Acceptez donc, Majestés et Altesses Impériaes et Royales, avec l'expression de ma profonde gratitude, les remerciements de l'Académie des Beaux-Arts de Florence, et en général des ouvriers du beau, que Vous daignez honorer d'une manière aussi remarquable. Mais puisque je dois m'adresser plus particulièrement à l'auguste Souverain de mon pays, permettez-moi que je lui paye en portugais, la langue éclatante et passionnée du Camões, de Vieira, Gonçalves Dias et Porto-Alegre, ce tribut de profonde gratitude.

A Sua Magestade o Imperador do Brasil.

Imperial Senhor!

Na lingua em que Vossa Magestade ha quasi meio seculo exprime os Seus magnanimos pensamentos, e exhibe os inexgotaveis thesouros de um coração de Protector e Amigo para todo o Brasileiro amante da sua Patria; n'essa rica e pomposa linguagem dos sentidos poemas da nossa terra, mais opulentos de sinceridade do que de falsa eloquencia, permitti que, sem affectação nem constrangimento, eu agradeça a Vossa Magestade Imperial a honra que se dignou de me fazer vindo pessoalmente, e na augusta companhia de S. M. a Imperatriz e de S. A. o Sr. D. Pedro, abrir a exposição do modesto trabalho com que acabo, bem que atormentado por molestia cruel, de dar nova prova do meu patriotismo.

Bem sei, Senhor, que não é digna do alto assumpto historico, nem da contemplação de Vossa Magestade, a téla que ousou expor aos descendentes ou compatriotas de Raphael, Leonardo de Vinci e Miguel-Angelo; se, porém, é certo que o trabalho nobilita o cidadão, eu me sinto altamente honrado de ter concluido uma pagina destinada a commemorar um dos mais gloriosos feitos do Augusto Progenitor de Vossa Magestade, e ao mesmo tempo o primeiro sopro de vida da nossa saudosa Patria como nação livre e independente.

A Sua Magestade a Rainha da Serbia.

A Votre Majesté, Madame la Reine de Serbie, dont l'auguste présence en cette ville des fleurs a quelque chose du rayonnement d'un lys éclatant dans sa douce atmosphère native, je dois remercier de l'honneur que Votre Majesté a daigné de faire à l'art, dont je suis un faible représentant, et à l'illustre Institution à laquelle sont confiés l'enseignement du beau et les hautes traditions de la glorieuse école florentine.

A Sua Magestade a Rainha da Inglaterra.

A Votre Majesté, Madame la Reine d'Angleterre et d'Irlande et Impératrice des Indes Britanniques, que puis-je dire en signe de respectueux hommage que Votre Majesté Royale et Impériale n'aie mille fois entendu en sa chère et grande Patrie? Que dois-je dire pour manifester à Votre Majesté toute ma reconnaissance, et les sentiments ineffables qui fait naître en tout artiste de cœur l'Auguste présence de Votre Majesté en ce temple de l'art?

Que je me contente, donc, de présenter à Votre Majesté Impériale et Royale, ainsi qu'à Son Altesse Royale Madame la Princesse de Battenberg, nos respectueux hommages et l'expression de la plus profonde gratitude pour l'honneur que Votre Majesté a bien voulu faire soit au modeste artiste brésilien, soit à l'Académie des Beaux-Arts de cette ville de hautes traditions artistiques.

*Aos Srs. Director do Instituto,
Presidente da Real Academia das Bellas Artes
e mais Membros do Corpo Academico.*

Onorevole Signor Direttore del Regio Istituto, e
Signor Presidente della Regia Accademia di Fi-
renze.

Non posso fare a meno di manifestare alle Si-
gnorie Loro la mia viva gratitudine per l'acco-
glienza fatta all' oscuro artista americano, e princi-
palmente per i favori coi quali in special modo Loro
hanno ospitato la di lui modestissima opera.

Come Brasiliano, poi, mi è grato esprimere la
mia profonda riconoscenza per la maniera con la
quale le Signorie Vostre Illustrissime, ed i chiaris-
simi miei colleghi componenti il Corpo Accademico,
nonchè le Autorità di questa gentile ed ospitaliera
città, hanno voluto accogliere in questo momento
uno dei più grandi e dei più illuminati Protettori
delle arti di tutti i tempi, Sua Maestà l'Imperatore
del Brasile.

In nome di Sua Maestà, è aperta l'esposizione!

PEDRO AMERICO

Traços biographicos

« La biographie de P Americo a été imprimée en plusieurs langues. Elle est trop remplie de faits intéressants pour qu'on puisse la résumer en quelques lignes. Qu'il nous soit permis de transcrire ici ce que vient de publier Mr. le Comte A. de Gubernatis dans son magnifique *Dictionnaire des écrivains du jour* : »

« Americo (Pedro de Figueiredo), peintre et écrivain brésilien, demeurant actuellement à Florence, docteur ès-sciences naturelles et en philosophie, professeur agrégé de l'Université de Bruxelles, professeur d'histoire, d'esthétique et d'archéologie à l'Académie de Rio-Janeiro, membre de plusieurs académies, grand dignitaire de l'ordre de la Rose, etc. est né en 1843, à Areas, au Brésil. Il fit ses premières études à Rio, et il les continua à la Sorbonne et à l'Académie des Beaux-Arts de Pa-

ris, où il fit son premier tableau et imprima son premier livre « Sur l'Art dans l'Antiquité. » De retour à Rio, il inaugura son cours d'histoire, d'esthétique et d'archéologie à l'École des Beaux-Arts en présence de l'Empereur, et il peignit son grand tableau de la *Bataille de Cumpo Grande*, puis il revint en Europe, et il fut reçu docteur et professeur agrégé à l'Université de Bruxelles sur la présentation d'une thèse: « Sur l'enseignement libre des sciences. » Après un nouveau séjour au Brésil, il se rendit à Florence pour y peindre la *Bataille d'Avahy*, toile des plus grandes qui existent, et il y fit imprimer ses romans: « L'Olocausto » 1882; « L'amor d'Esposo » 1886; et plusieurs brochures. Actuellement, il peint une grande toile qui représente la *Proclamation de l'Indépendance brésilienne*. En 1869, il avait épousé D. Carlota, la fille du baron de Saint-Ange, l'un des plus grands poètes de l'Amérique du Sud. Le portrait d'Americo se trouve parmi ceux des peintres célèbres à la Galerie des Uffizi à Florence. Parmi ses publications, nous signalons encore: « Mémoire sur la conjugaison du *spyrogyra quinina* » 1869; « Hypothèse sur la cause du phénomène appelé: lumière zodiacale » 1869; « Confutation de la Vie de Jésus par Ern. Renan » 1869; « Discours prononcés à l'Académie des Beaux-Arts à Rio » 1882. »

« A ce résumé nous ajouterons seulement qu'il serait impossible de donner une idée du nombre extraordinaire de publications de toute sorte (gros

volumes, mémoires, brochures, plus de deux mille journaux, etc.) dans lesquelles on peut lire, soit l'éloge de l'artiste et du savant, soit l'exposé et l'appréciation de ses productions scientifiques, artistiques et littéraires. »

(Revue artistique et littéraire du 8 Avril 1888).

F I M



INDICE

Assumppto dos Discursos	Epoca	Pag.
<i>Inauguração do Curso d' Esthetica na Academia</i>		
Imperial das Bellas-Artes.....	1870	7
<i>Distribuição de premios aos Artistas na mesma</i>		
Academia.....	»	39
Idem.....	1872	55
<i>Centenario de Miguel-Angelo em Florença.....</i>	1875	79
Idem.....	»	85
<i>O Plagio na Litteratura e na Arte.....</i>	1880	93
<i>Distribuição de premios aos Artistas na Academia</i>		
Imperial das Bellas-Artes.....	1885	127
<i>Commemoração de Victor Hugo no Theatro de S. Pedro de Alcantara.....</i>	»	141
<i>Allocuções feitas na Abertura Solemne da Exposição do quadro commemorativo do Ypiranga.</i>	1888	155
<i>Pedro Americo, traços biographicos.....</i>	»	159



DO MESMO AUCTOR.

La Réforme de l'Académie des Beaux-Arts de Paris. — Paris, 1862.

De l'Enseignement libre des Sciences Naturelles; 4^a edição. — Florença, 1882.

Estudos philosophicos sobre as Bellas Artes na Antiguidade; 2^a edição. — Florença, 1882.

Memoria sobre a Conjugação do Spyrogyra Quinina. — Bruxellas, 1869.

Refutação á Vida de Jesus por ERNESTO RENAN inedito.

Hypothese relativa á causa do phenomeno chamado Luz zodiacal. — Bruxellas, 1869.

✕ O Holocausto, romance philosophico de caracter e costumes. — Florença, 1882.

O Brado do Ypiranga. — Florença, 1888.

Amor d'Esposo, romance. — Florença, 1886.

Curso d'Esthetica, professado na Academia das Bellas-Arts do Rio de Janeiro inedito.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).